

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES- UCAM
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS- CEEA
RELATÓRIO DE PESQUISA

SÃO MIGUEL: EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NEGRA

Sônia Maria dos Santos Marques
Caçapava do Sul, dezembro de 2000

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES- UCAM
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS- CEAA

SÃO MIGUEL: EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NEGRA

Relatório final de pesquisa apresentado ao
CEAA- Projeto contemplado no XI Concurso
de dotações para a pesquisa sobre o Negro no
Brasil.

Orientadora: Prof. Dr^a Antonia da Silva Medina

SONIA MARIA DOS SANTOS MARQUES

Caçapava do Sul
Dezembro de 2000

Resumo

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, que usa a abordagem do estudo de caso como forma de compreender a formação da identidade em uma comunidade remanescente de quilombo, em Restinga Seca- cidade que dista 277 km de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, foi gerada a partir do conhecimento e convívio com pessoas da comunidade. Tomamos contato com a comunidade a partir do convite de uma aluna para que conhecermos a realidade desta ilha negra em meio a área de colonização alemã e italiana. O trabalho parte das práticas, vivências e experiências da comunidade, procurando compreender como acontece o processo de formação da identidade em uma comunidade negra, circundada por descendentes de imigrantes italianos e alemães. O trabalho, a princípio, seria desenvolvido em uma escola pública - Escola Municipal de Ensino Fundamental Manuel Albino de Carvalho- localizada no distrito de São Miguel, localidade onde desenvolvemos a pesquisa. Através dos depoimentos coletados a partir de entrevistas semi- estruturadas com dezenove pessoas da comunidade, procurou-se descobrir como acontece o processo de formação da identidade. Foram, ainda utilizados como recursos observações às reuniões do movimento negro, investigação em arquivos do município. Procura-se, com base na história de vida dos moradores de São Miguel, levantar dados sobre a história da comunidade e a forma como eles vivem e convivem. A análise de conteúdos permitiu a organização dos dados em subcategorias e categorias. Com base na análise das subcategorias, emergiram três categorias: história e vida- sujeição e luta; comunidade e escola: caminhos e descaminhos; identidade e escola- relações e possibilidades. A investigação mostrou que a escola é um centro polarizador e que as discussões sobre a comunidade acontecem nesse cenário rico, em problematizações e que reflete e é reflexo dos problemas que acontecem na comunidade. Os entrevistados destacaram as dificuldades de viver em São Miguel, salientando a falta de alternativas econômicas (vivem da agricultura de subsistência) como uma das maiores dificuldades para a manutenção da comunidade.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
INTRODUÇÃO	05
I. ACHADOS DA PESQUISA.....	07
1.1. História e vida: sujeição e luta.....	07
1.2 Comunidade e escola: caminhos e descaminhos	18
1.3. Identidade e escola: relações e possibilidades.....	25
II. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
CONCLUSÃO: caminhos da identidade.	32
ANEXOS	47
A- Formulário da entrevista.....	48
B- Documento- Nuer	49
C- Entrevistas.....	71
D- Fotos administrativas da comunidade de São Miguel.....	
LISTA DE FIGURAS	
Figura 1.....	36
Figura 2.....	70
Figura 3.....	70
Figura 4.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

Alemão eu conheço pouco, uns tem as Igreja deles e o que é católico vai na nossa, e assim eles vão. Mas é como eu lhe expliquei; eu não tenho inimizade por ninguém para mim, branco, negro é tudo a mesma gente. Agora, pelo cativo negro vou lutar até morrer, porque o negro foi muito castigado...(entrevista 15)

A epígrafe que inicia este relatório apresenta a fala de uma mulher negra, 65 anos, que, embora não tenha conhecimento do mundo da escrita, conhece e domina a palavra, que lhe permite ganhar vida e alimenta as pessoas com suas histórias, seu sorriso, sua vivacidade, seu senso histórico. A “Tia”, como todos a chamam, expressa um pouco do que vivenciamos durante o ano 2000 na comunidade negra de São Miguel.

Com o desenvolvimento do projeto intitulado “São Miguel: educação e identidade, no qual investigamos a constituição da identidade” em uma comunidade negra, São Miguel ou São Miguel dos Negros, definida como comunidade “remanescente de quilombo”, aprofundamos essa relação, que se constituiu em encontro da pesquisadora com o objeto de pesquisa. Porém, mais do que isso, possibilitou um encontro entre sujeitos que experienciam a vivência de ser negro, de ter uma história em comum, de fazer parte e refletir sobre a sua participação (ou exclusão) no conjunto da sociedade brasileira.

1. É importante esclarecer que no ano de 1999, ainda que sem um projeto específico de pesquisa fazíamos incursões na comunidade, desenvolvendo relações de afetividade com alguns moradores.

Assim, esta pesquisa nasceu do desejo de compreender a realidade vivenciada pelos negros na sociedade brasileira e, mais especificamente, em São Miguel, núcleo populacional negro. Nela discute-se a experiência histórica dessa comunidade, a especificidade, de viver num núcleo em que predominam pessoas negras e o processo social de exclusão, experiência histórica do coletivo dos negros no Brasil, mas que ganha contornos diferentes na localidade em foco.

A comunidade convive com indagações socializadas em reuniões do movimento negro; na escola, que vem pensando alternativas para valorizar a história do negro e, sobretudo, nas conversas dos moradores que se indagam sobre o processo de ser negro no Brasil. Queremos esclarecer que o sentido da valorização da história do negro e, portanto, da história do Brasil, aparece na fala de todos os entrevistados, que discutem o papel atribuído pela história ao negro e, principalmente os modos, como ela omitiu.

Para desencadear a investigação formulamos como questão norteadora: **Como a comunidade negra de São Miguel em Restinga Seca, circundada por alemães e italianos, vem constituindo sua identidade?** Em busca da elucidação à questão, pesquisamos a forma como se deu a constituição histórica de São Miguel, compreendendo como vem ocorrendo o processo de constituição da identidade na comunidade e qual é papel da escola nesse processo.

Visando detalhar o processo de desenvolvimento da pesquisa empreendida, este texto está dividido em dois capítulos. No capítulo I, "Achados da Pesquisa", expõem-se as informações obtidas. No capítulo II, descrevem-se os procedimentos metodológicos e, finalmente, na "conclusão", sintetizam-se as idéias básicas resultantes da investigação, como forma de contribuição a área de conhecimento em que o estudo se insere.

L ACHADOS DA PESQUISA¹

1.1. História e vida: sujeição e luta

Tenho treze filhos aqui. Mas tenho uns fora. Então a gente tem essa missão de aconselhar, quando tão meio-cá, meio-lá. Dá um conselho para viverem em harmonia e assim a gente vai levando a vida."

A localidade de São Miguel, encontra-se situada na zona rural do município de Restinga Seca, situado na região da Depressão Central do estado do Rio Grande do Sul. Dista 277 km da capital e possui uma área de 854 km²; tem, aproximadamente, dezessete mil habitantes entre zona urbana e rural conforme dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Restinga Seca. Os primeiros habitantes da região foram os índios guaranis. Com o processo de colonização das terras no Rio Grande do Sul através da doação de sesmarias, teve início, a partir de 1857, a ocupação da terra por população de origem europeia, especialmente pomeranos da região de Hamburgo, Alemanha e também por imigrantes italianos.

São Miguel ou São Miguel dos Negros é uma localidade onde predomina a raça negra em meio a uma área de colonização alemã e italiana. Os historiadores dizem que São Miguel é a segunda comunidade, em quantidade, de

¹ Entrevistada por Sônia Marques em 21 de maio de 2000.

negros no Rio Grande do Sul. O núcleo é formado por casas de madeira, extremamente pobres, sem saneamento básico, nem posto de saúde, entre outras carências. A maioria da população - homens, mulheres e crianças trabalha no corte do arroz, na colheita da batata das plantações dos brancos, prestando serviços temporários que não chegam a lhes oferecer possibilidades de melhoria de vida. Existe uma grande quantidade de analfabetos, sobretudo entre as pessoas mais velhas, que, por isso, reivindicaram, junto à prefeitura local, a formação de uma turma de adultos para alfabetização.

Tradicionalmente, tem se destacado a pouca participação do negro na formação da sociedade sulina. Exemplo desse posicionamento é o assumido por Manoelito de Ornellas (1976, p 5) referindo-se a formação da sociedade rio-grandense, Diz o autor:

O Rio Grande nascia do espírito desbravador de três correntes humanas diferenciadas nos seus propósitos mas semelhantes nas suas origens raciais. E o lastro em que se fundiam as correntes alienígenas, era o índio- o tape, no litoral, o guarani, nas missões e o charrua, nos plainos da Banda Oriental. Pelo Oeste sul, ingressavam os espanhóis com os estandartes cristãos dos jesuítas. Pelo nordeste, os mamelucos de Piratinunga e Laguna, impelidos não mais pelo sonho do ouro e das esmeraldas, mas à procura dos rebanhos espanhóis e do índio traficável. Pelo litoral, os ilhéus, simples arroteadores da terra.

À semelhança de muitas outras narrativas da história do Rio Grande do Sul, a passagem transcrita permite perceber que o negro não é considerado como elemento componente nesse processo. Essa invisibilidade do negro, característica da historiografia tradicional explica-se pelo baixo percentual de negros e índios na composição populacional do Estado. De acordo com o IBGE (1996) a composição da população do Rio Grande do Sul de acordo com cor ou raça, é: branca- 85,4%; parda: 9,9%; preta: 4,5; amarela ou indígena:0,2%. Leite (1995, p. 114) reitera essa constatação: “A historiografia do Sul do Brasil subestima a presença do negro.

Mesmo o Rio Grande do Sul , que teve um sistema escravista significativo (cerca de 27% da população em 1860 era escrava)” subestima a presença do negro na sua formação social, destacando a parte do passado que deseja ver lembrada e ignorando a que quer ver esquecida.

A invisibilidade percebida com relação ao negro na formação social sulina repete-se e intensifica-se quando se trata de estudar as populações remanescentes de quilombo, organizadas a partir de núcleos que resistiam à escravidão ou de populações que, por motivos variados (doações ou compra de terras após a abolição, recebimento por herança), juntaram-se, organizando comunidades que viveram e vivem em áreas rurais ou urbanas e que mantêm diferentes relações com a sociedade.

No Brasil, tem-se conhecimento de uma série de comunidades negras-comunidade do Mato Tição, em Minas Gerais; comunidade de Aguapé no Rio Grande do Sul; comunidade de Santa Rosa dos Pretos, no Maranhão, entre outras, originadas de antigos quilombos ou da compra de terras por negros libertos ou, ainda, de doações feitas por senhores de escravos. Para Schwarcz (1996, p. 59), essas comunidades são “quilombos contemporâneos” e dedicam-se, na maioria das vezes, às atividades agrícolas. Formando “ilhas negras, que foram relegadas ao esquecimento pela história oficial” (1996, p.59), sobrevivem e organizam-se em comunidades rurais em meio à urbanização de comunidades brancas. São Miguel é uma dessas ilhas.

No trabalho, que empreendemos, temos a preocupação de contar a história da formação dessa comunidade apesar das dificuldades de acesso a documentação, uma vez que muitos foram destruídos. Porém, destacamos que procuramos usar dados da prefeitura municipal, ainda que incipientes, pois as visitas aos arquivos resultaram em pouquíssimos dados, uma vez que os documentos mais antigos disponíveis são da década de 1960; do Núcleo de

Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas- NUER, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, e sobretudo, valendo-nos de depoimentos orais das pessoas mais antigas da comunidade, as quais nos contaram histórias ouvidas pelos dos seus antepassados e que têm a preocupação em transmiti-las para os mais jovens .

No dicionário Aurélio (1986) *quilombo* aparece como “valhacouto de escravos fugidos.” São Miguel ,contudo, ainda que seja um núcleo negro, não tem essa origem, conforme depoimento do seu mais antigo morador, Albino Carvalho, conhecido por todos como “Tio Panda”, neto, de Geraldo Carvalho, que, segundo ele, foi quem comprou as terras que deram início ao núcleo negro:

“Começo com os Martins, tudo aqui era Martins. Aí o falecido meu avô Geraldo foi criado pelos Martins. Mas os Martins eram muito malvados. Eram tão malvados que o dia que não estavam bom de gênio, eles faziam um pobre negro cativo trepar até lá em cima no pau para atirar, para poder dizer que tinham atirado porque o negro estava trepado lá em cima. O pobre do negro cativo caía lá no chão, pronto. E assim é... o falecido meu avô foi criado com eles. Mas ele não era Martins, foi criado por eles. Era filho de um tal Dalmazzo , lá da Serra. , índio de lá. E eles faziam os amarrados deles e meu avô ficava olhando. Ele disse um dia: Esses Martins irão fazer uma coisa assim comigo também.” Eram baguales mesmo. Mas o vovô era um homem terrível. Não contava com tigre, touro, boi. Um dia eles tavam lá no mocambo e ele disse: Que tu tá pensando, Eliéser? Aí ele disse: Eu já estou cuidando de vocês ha tempo, Ah, querem fazer serviço em mim? Agora vocês vão me pagar! Correu eles lá na fazenda velha. Aí eles dispararam de a cavalo. Os Martins se viram enrascado, entraram de baixo das cama e meu avô entrou atrás. Ele entrou porta à dentro. Aí os amigos que estavam ali disseram: Calma, o senhor tá dando de banditismo, tá agredindo eles dentro de casa; Aí ele deixou, ouviu o amigo. Mas desde aquele dia em diante, ele não quis mais saber de Martins. Naqueles tempos os pobres dos negros eram vendidos. Ele foi vendido por 32 onças, é... por esse preço ele foi vendido. Os Carvalho compraram

ele. Aí o vovô ficou lá nos Carvalho. O guarda-costas deles era o falecido vovô, aí o falecido vovô era capataz deles. Aí o falecido vovô tinha só dois filhos homens- o falecido meu pai e meu tio; e meninas tinha umas quantas. Eles criavam gado lá. As rezes que morriam e deixavam terneiro, os terneiros que eles criassem era deles. Aí eles arrumaram uma maneira e foram criando ... Aí um deles resolveu , se eles vendessem lá os bichinhos que tinham poderiam comprar terras. O falecido meu avô comprou esta parte aqui e o falecido meu tio, comprou a parte de lá. O meu tio, que tinha mais gado, ele comprou um territoriozinho², então. Então isto aqui não é de cativoiro, foi comprado.

Transcrevemos parte significativa da entrevista com Tio Panda por acreditarmos que é importante recuperar, a partir da memória dos velhos, parte da história da comunidade. Destacamos que fizemos entrevistas com esse personagem durante o ano de 1998, 1999 e 2000. No último ano, as falhas de memória se tornaram maiores e as suas condições de saúde já não lhe permitiam mais as longas conversas junto ao fogão lenha, numa experiência de alegria da sua narrativa. Como já referimos, Albino carvalho é a pessoa mais velha da comunidade, que faz questão de o que vejam e que se vê como um contador de história. Respeitado, diz que sua principal função, uma vez que não enxerga mais, “é contar a história do povo para os mais jovens.”

Na mesma entrevista, nosso informante segue contando que na comunidade, todos são parentes pela forma como foram divididas as terras

...o falecido meu pai tinha umas quantas irmã. Cada um tinha a partezinha deles. Quando o vovô faleceu, tocou dois quantos para cada um: essa parte que nós temos aqui. Isso aqui foi comprado. Não sei quantas cabeças teve que vender para comprar. Aí ficou habitado, desta forma aqui. Aí criou a comunidade, depois veio os outros.”

Empiricamente, é possível perceber essas relações de parentesco quando caminhamos em meio às estradas de chão batido ou mesmo entre a

² Entrevistado por Sônia Marques em 20/04/1999.

lavoura de milho, conduzida por alguém da comunidade que vai nos indicando o caminho que leva aos informantes e cumprimenta todas as pessoas mais velhas, chamando-as de “tio”. Consideramos importante destacar que em algumas visitas fomos conduzidas por jovens, que freqüentavam a escola de ensino fundamental e, informalmente, também nos iam contando histórias que tinham ouvido dos mais velhos.

A questão da posse da terra aparece nas preocupações da população quando os entrevistados se referem às terras que ocupam e que seus ancestrais ocuparam, como neste depoimento: “ Vão tudo pra longe trabalhar, porque quem tem terra, planta; quem não tem, vai trabalhar longe. Algumas áreas não têm registro...Agora não tem registro. Ele foi dos primeiros aqui, morreu bem velhinho. O único vivo é o Tio Panda, mas ele já não caminha mais sozinho.”³

O depoimento desta pessoa idosa de São Miguel expressa uma preocupação com o registro das terras da comunidade corroborando com Consorte (1991, p. 85) quando diz que

“ Ao contrário do que acontece com as populações indígenas remanescentes(...) pouco interesse parecem despertar junto a sociedade brasileira de um modo geral, os problemas enfrentados pelos negros brasileiros, a despeito do conjunto da população brasileira.”

O que está em jogo, tanto no depoimento quanto em Consorte (1991), é a questão da legalização e registro das chamadas *terras de negros* e o reconhecimento de direitos desses brasileiros. Gusmão (1992, p. 64) entende que “a tríade negro-território- pessoa envolve dimensões de um debate

³ Entrevistado por Sônia Marques em 24/04/2000.

necessário, porém difícil de ser conduzido.” Isso ocorre porque domina a crença de que a terra dos negros ficou em outro continente, não sendo este o seu lugar originário o que lhes se garantiria o direito à posse da terra . Por isso, revelar a historicidade desses grupos, conhecer o seu lugar de vida e convivência, entender as formas de produção, dificuldades, desejos e produção cultural parecem-nos pontos essenciais para a identificação e reconhecimento das diferenças e da cidadania.

A falta de documentação cria dificuldades para fazer emergir a história viva, pulsante, dessas comunidades, restando-nos opção pelos relatos orais. Com relação a essa questão, Gusmão (1995, p. 65) diz que “ a questão do direito natural (ocupação primitiva) e histórico que aos índios é reconhecido e que resulta em conquista constitucional e jurisprudência protetora, não se amplia para o negro em razão desse empecilho: a terra sua, é terra que ficou lá.”

Em são Miguel, percebemos que as relações de sociabilidade estão baseadas nos laços de parentesco e que há um ambiente de consideração e respeito com os mais velhos, que transparece em diferentes depoimentos:

“Semo, tudo parente. O Tio Panda vem a ser tio de minha finada mulher e padrinho dela. A gente se ama muito, né. Agora mesmo, fazia dias que eu não via ele, mas teve a vacina do idoso, então a gente se encontrou, né. Ele tá bom ainda, ele é forte, as filhas cuidam dele. Ele tá forte.”⁴

“ Esse respeito eu adorava. Todas as crianças chegavam e diziam a bença Tio Panda, bença Tio Panda! (...)Tem tio fulano, tio beltrano. Então, às vezes eu brincava: Aqui não dá para falar nada porque todo mundo é parente.”⁵

⁴ Entrevistado por Sônia Marques em 24/05/2000.

⁵ Entrevistada por Sônia Marques em 04/1999.

“ Eu não tenho mais memória. Esta comunidade aqui é um pessoal unido... é do tempo mais antigo. Aqui tem o Tio Edelmiro, ali é o Tio Panda como dizem, ele é o mais antigo da comunidade. Eu já me acho cansado na idade.”⁶

Depoimentos como esses poderíamos trazer em grande quantidade. Acreditamos que essas relações formam laços de identificação entre o grupo, gerando um “espaço de atuação individual, familiar e coletiva” (Gusmão, 1995, p.66). Nesse sentido, ganha contornos importantes compreender a significação da história dessa comunidade. Consideramos que o homem, ao viver, estabelece uma teia de relações extremamente complexas, delicadas, contraditórias, as quais a história tenta compreender dentro de uma lógica de espaço e tempo. A história, assim, estuda as ações dos homens, procurando explicar as relações entre seus diferentes grupos, as quais estão em permanente movimento, são essencialmente dinâmicas e contraditórias. Por isso, produzir história é procurar, é captar relações que se estabelecem entre os grupos humanos.

Os negros da comunidade de São Miguel acreditam ser necessário entender que a *memória* é o caminho pelo qual percorrem os espaços da vida e constroem a imagem de si e do outro em um determinado tempo; um tempo que, para eles, unifica origem e destino de cada um e de todos com relação ao território em que vivem e onde viveram os que os antecederam. Por termos esse entendimento, reiteramos que a priorização dos depoimentos orais representa, justamente, uma opção política de valorização da fala das pessoas e de sua historicidade.

Como referimos, existe uma exiguidade de documentos escritos sobre a comunidade, até porque a oralidade é o veículo de transmissão dos costumes e tradições do grupo. O depoimento que segue pode ser mais esclarecedor sobre a oralidade e a vida no grupo: “ Ah! Eles foram vivendo aqui, a senhora sabe, há muito

⁶ Entrevistado por Sônia Marques em 24/04/2000.

tempo. Isto aqui era sertão, era tudo mato. Então esta terra era do meu avô, o meu pai casou e veio para cá (não soube precisar a data) cuidar e foi devassando. E foi indo...Eles devassaram a parte deles. Agora ele faleceu e fiquei eu aqui, cuidando para os herdeiros.”⁷

Apreendemos nesse depoimento como se dá o sentido de preservação de uma cultura, de uma forma de vida. É importante destacar a preocupação que os mais velhos têm com os jovens mas também os valorizando: “ o jovens, como eu disse, se eles estão vivendo têm muito para dizer, muitas lições para dar para os mais velhos. O velho não tem a convivência com as coisa de hoje em dia. Tem muito mais liberdade os novos do que os velho. O mundo está mudando... o mundo já mudou.”

Restinga Seca, município situado na Depressão Central do estado do Rio Grande do Sul, e do qual São Miguel é distrito, teve sua origem na doação de sesmarias e com a construção da estada de ferro Porto Alegre_ Uruguaiana, em 1885. Nesse período, o município era distrito da cidade de Cachoeira do Sul, dela tendo se emancipado em 25 de março de 1959.

No desenvolvimento do nosso estudo, tivemos a preocupação de pesquisar, junto à Prefeitura Municipal da cidade de Restinga Seca, dados sobre a formação do distrito em estudo. Contudo, nos arquivos da prefeitura não conseguimos localizar documentos oficiais que nos permitissem obter dados a respeito. Tudo o que conseguimos foi obtido junto à Secretaria de Educação de Restinga Seca CONSTANTE DE , material escrito que é usado em escolas públicas do município como apoio pedagógico. Nesses materiais lemos:

“O surgimento da comunidade negra, de São Miguel, deu-se com a doação de duas quadras de sesmarias que pertenciam a grande espólio pertencente a família Carvalho Bernardes (...) Por ocasião da abolição da escravatura, uma das proprietárias, Maria Luíza Bernardes Borges, doou a um grupo de escravos

⁷ Entrevistado por Sônia Marques em 24/0/05/2000

uma faixa de terra, região onde se localiza a comunidade.
(Sangoi,1997)

Segundo essa versão, o povoado de São de São Miguel surgiu a partir de uma doação de terras, depois de 1888, quando uma família muito rica da região concedeu terras aos seus ex-escravos para que nelas se estabelecessem. Para essa região também tinham afluído negros libertos, que não tendo terras, decidiram viver na comunidade. Segundo esta versão o próprio sobrenome “Carvalho”, dominante na região de São Miguel seria herança da forma como se organizou a distribuição da terra.

O Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas- NUER, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, fez um mapeamento das comunidades rurais formadas por descendentes de escravos na região Sul, entre os quais a comunidade de São Miguel. Nesse trabalho, duzentos e cinquenta famílias residentes na comunidade, equivalente a cerca de oitocentos pessoas vivendo em uma área de 750 hectares.

A comunidade em estudo está localizada a apenas 13 km do centro da cidade, o que lhe traz uma série de dificuldades para a sua manutenção, visto que se vê pressionada pela expansão da cidade em sua direção. As dificuldades econômicas enfrentadas pela comunidade aparecem em depoimentos como estes:

“Eu tive quatorze filhos. E desses cinco tá comigo. Eu tive quatorze e Deus deixou cinco comigo”⁸

“Aqui o que é muito difícil é o serviço. É cada ano que passa é cada vez pior. A maioria aqui vive da agricultura.”⁹

“A vida aqui piorou. A gente não sabe o que atender direito. Eu pago água, luz, minha querida. Tu sabe que eu até estou ficando meio tantã, tem noite que eu não durmo pensando.”¹⁰

8. Entrevista em 4/05/2000.

⁹ Idem

¹⁰ Idem

“ Moro, nasci e me criei aqui. Mas depois meu pai conseguiu uma terra lá em Estrela Velha. Lá eu completei meus quinze anos, já trabalhando numa granja. Depois com dezesseis anos fui trabalhar em Santa Maria e pensava em estudar de noite, mas a casa era muito grande. Voltei por que era muito difícil me manter.”¹¹

Os membros da comunidade de São Miguel vivem da agricultura de subsistência, fazendo serviços temporários em lavouras de arroz, colheita de batata e em grandes propriedades da região (mesmo nessas tem diminuído a necessidade de mão- de- obra) nas propriedades. Essas propriedades são de descendentes de italianos e alemães. Como nos diz um dos entrevistados, “ olha, da minha infância eu não tenho o que falar porque a gente nasceu e se criou aqui e minha mãe e meu pai sempre trabalharam com os alemães e com os gringos e nunca houve problema.” (entrevista em 24/05/2000).

Percebemos que existe um movimento de saída da comunidade, principalmente de parte dos mais jovens, que não vêem perspectiva de vida na região: “aqui tá muito sério, porque não tem trabalho. Eu tive uma filha que foi para Porto Alegre, se eu tivesse uma perspectiva de trabalhar eu ficava com ela aqui. Olha, vizinha, às vezes eu me deito na cama e perco noite de sono pensando como é que pobre vai viver neste mundo.” (entrevista em 25/05/2000). Em depoimentos como esses, percebemos a preocupação da comunidade com a saída de pessoas mais jovens para centros maiores, onde buscam melhores condições de vida.

Especificamente em relação às mulheres, e grande parte trabalham na cidade de Restinga Seca como empregadas domésticas ou diaristas. Elas nos relatam que muitas vezes precisam fazer este percurso a pé (13 km). A relação de submissão é implícita nessa situação discutida por Silva ao dizer que (1997, p. 42) “ as relações de submissão e dependência econômica, cultural, moral impostas a africanos e seus

¹¹ Entrevista em 24/05/2000.

descendentes(...) constitui o horizonte em que se faz sua formação enquanto pessoas e cidadãos”.

2. Comunidade e escola: caminhos e descaminhos

Quando foi um belo dia , eu não estava, estava trabalhando. Ele disse assim para mim: Tu sabe que veio um cartaz para ti, porque ele não tinha aberto. Nós fizemos um festa só de negro, mas só de negro. E os branco de fora só olhando. Por que a gente agarrou e colou ele assim, ali onde tinha uma sombra linda. E tudo que estava chegando olhava o cartaz...”
12

O depoimento que encabeça esta parte do relatório é de uma moradora de 63 anos que participa de encontros para discutir as questões do negro, na organização de festas; ajuda no cuidado de crianças, enfim que é ativa no processo de organização da comunidade. Essa moradora está narrando um fato acontecido há mais de quinze anos, quando chegou à comunidade um cartaz com uma figura de Zumbi. Perguntei-lhe, então, qual fora a significação desse cartaz e teve, por que a comunidade para festejar o fato? A resposta veio com muita rapidez: “Ora, minha filha porque ele viveu não sei quanto tempo faz e lutou para que os negro vivessem melhor. Para a gente ter uma identidade.”

Continuando, perguntei-lhe sobre o que havia escrito no cartaz e por que ele mobilizara tanto a comunidade. Em resposta, a informante disse: “ Ler eu não li. Não sei ler, mas pedi para outros lerem para mim. Muitas vezes eu peço para meus sobrinhos lerem o cartaz para mim.” Nesse momento, a entrevistada dirigiu-se para dentro de casa e trouxe um cartaz enrolado em um saco plástico, amarrado com um

pedaço de cordão; entregando-me e diz: pode abrir, veja não é lindo ter uma figura de um negro que lutou por nós? Aproveita e lê de novo para mim!”

Fizemos questão de pormenorizar parte dessa entrevista para que possamos conduzir a reflexão a que nos propomos nesta investigação. Quando tratávamos de compreender a história da comunidade de São Miguel, uma das questões que mais apareceu foi a formação da identidade; Existe uma identidade negra? O que é identidade? Como estabelecer essa reflexão?

A questão da identidade vem sendo objeto de estudo nas ciências sociais, afirma-se que, na Modernidade, “ as identidades estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas”(Hall, 2000,p. 8). Esse autor compreende três concepções de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós- moderno.

Para Hall, o iluminismo tinha uma concepção individualista de sujeito e de sua identidade, visto que se acreditava na “capacidade da razão, da consciência e de uma consciência da ação”. A percepção das complexidades do mundo moderno , da falta de autonomia fizeram ver um sujeito envolto em uma rede de relações tecida pela cultura dos mundos que este sujeito faz parte. Nessa concepção, a “ identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (Hall, 2000,p. 11). A identidade seria, então, mediada e reconstruída pelo diálogo entre diferentes mundos culturais, funcionando como elo de ligação do sujeito com a estrutura.

O autor entende que na Modernidade, tem se fragmentado a idéia de identidade única , compondo-se um sujeito que pode ter diferentes identidades, sendo mutável e mutante, caracterizado por uma identidade que se define historicamente. Nessa compreensão, “ a medida que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam somos por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes

¹² Entrevistado por Sônia Marques em 15/08/2000.

de identidades possíveis , com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente.”(Hall, 2000, p. 13).

O conceito de identidade, como constatamos, tem se mostrado demasiadamente complexo. Especificamente em relação a essa ultima forma de análise, no caso da comunidade de São Miguel, julgamos poder identificar diferentes identidades: homens e mulheres trabalhadores rurais, trabalhadores destituídos de terra, negros em processo de reflexão sobre a sua experiência histórica. Não pretendemos estabelecer essa discussão , mas compreender que

“ a territorialidade das comunidades negras é referida na identidade étnica de cada grupo que as constitui. A posse da terra , independentemente de suas origens patrimoniais, se efetiva pelas comunidades negras enquanto sujeito coletivo configurado como grupo étnico. A apropriação coletiva é feita por negros organizado etnicamente como sujeito social.”(Bandeira, 1991, p. 8)

Chamamos atenção para o aspecto da identidade que desejamos tratar neste trabalho, não como unidade que se estabelece a partir da idéia de um sujeito, mas como alguém que, vivendo em uma comunidade com tais características, é possuidor de única identidade: ser negro. Estamos atentos a essa multiplicidade de identidades que o mesmo sujeito pode ter, todavia propomo-nos a discutir , a partir dessa história comum, a vida desses sujeitos que buscam a identidade pela afirmação da própria historicidade. Disse ele:

“Alemão e italiano tinham uma origem o negro não. Por que a senhora poder ver assim. Faziam uma festa e diziam: aquela festa era de origem alemã, aquela era de origem italiana. Mas o negro não tinha uma festa que pudesse dizer ser sua. Mas agora saiu aquela festa o ano passado, em que se diz festa do negro. Agora nós podemos dizer que temos uma origem.” (entrevista em 4/09/2000)

Pelo que se revela na fala transcrita, podemos perceber a importância que o sujeito atribui a festas e manifestações culturais em que apareçam valorizadas as

realizações dos negros. O próprio entrevistado confessou-nos, a princípio, considerava “essas histórias dos negros se reunirem uma bobagem”; depois, “ ficava olhando e pensando, agora nós somos alguém porque temos a nossa festa”. Intuímos, nesse sentido, e analisando a fala do sujeito pela alfabetização, que a busca da identidade passa, também, pelo desejo de se ver representado na escola, em sair da comunidade para conhecer mais sobre a história do negro e seus problemas, e isso fica expresso nos seguintes depoimentos:

“ Vamos até em Porto Alegre buscar mais coisas que nós não temos aqui, e levar daqui para lá porque a gente tem... a gente quer buscar porque lá tem gente que está mais a par...”

“ Nós fizemos um baile do negro aqui, veio um senhora velhinha...é uma negra escrita...E ela é branca que nem assim...E ela é da universidade. Eu não sei o que ela é...”

“ Mas as escolas não passam muitas coisas para eles, para a criança negra. Mas eu penso que hoje tem mais conscientização. Está mudando pouquinho, mas está mudando. Eu acho que falta conscientização e um pouquinho de auto-estima, mas aos pouquinhos a gente vai trabalhando para poder mudar.”

Para Leite (1995), existe na sociedade brasileira a produção de não-cidadãos, pessoas que estão destituídas de direitos, constituindo um *apartheid social*. A não-cidadania, por conseqüência, significaria também a não-identidade. A identidade étnica, estaria associada a elementos de proximidade e sociabilidade que vão desde a memória, laços de parentesco, ocupação e territorialidade. Esse movimento pode ser percebido em São Miguel quando nos dizem

“ Então eu sou uma coisa assim, eu estava falando que acho o máximo de bom quando alguém da minha raça consegue alguma coisa... A gente se incentiva muito vendo as coisas feitas também pelos negros (...) às vezes eu saía e ficava pensando por que os negros não têm fábricas, não têm oficinas, não têm lojas. Aí eu penso que o negro teve um pouco de discriminação e faltou terras.” (entrevista em 21/04/1999) .

Percebemos nesse depoimento a busca de elementos identitários que dêem visibilidade ao negro, permitindo-lhe encontrar-se no outro. Observamos, ainda, que a manutenção dos vínculos familiares tem sido difícil, pois os mais jovens e os homens precisam sair para conseguir trabalho ou continuar os estudos - uma vez que a escola da comunidade oferece apenas ensino fundamental. Há também uma parte "flutuante" da população, que sai em busca de melhores condições de vida, retornando depois de cinco ou dez anos. É o caso de alguns dos entrevistados, que saíram de São Miguel, trabalharam em outros lugares e retornaram à comunidade depois de aposentados.

Discutir sobre identidade na comunidade em questão, em virtude de sua experiência histórica, leva à observação de contornos diferentes. Ao serem interrogados sobre situações de discriminação membros da comunidade nos remetem a um espécie de lugar-comum: "Aqui todos vivem bem, eles para lá; nós para cá." Não datamos essa fala, porque ela aparece na maioria das entrevistas sobre questões de identidade. Sobre questão da identidade, perguntávamos aos entrevistados, como eram as relações entre alemães, italianos e negros, como se estabelecem as relações entre esses grupos na comunidade. Vejamos a narrativa de uma senhora- aluna de quarenta anos:

" A professora dos alemães morava ali. Ela já tinha a residência dela atrás do colégio e ali ela morava. (...)era racista que nem imagina. Ela odiava negro. Ela odiava negro, agora está mudado. Imagine que se ela via um negro ela já ia xingando em alemão. O racismo sempre anda, não é, guria. E naquela época muito mais, porque daí não tinha aquele negócio de lei, dessas coisas assim, né e aí começou a mudar, começou a estudar junto e a dizer que tem que estudar junto. Mas o racismo ainda existe, né. Mas naquela época não era fácil mesmo." Entrevista em 24/05/ 2000.

" ...a senhora vê tem muita gente que se provalence do negro. A senhora pode notar decerto algum familiar seu trabalha na roça. O serviço ruim eles nunca fazem, é o negro que faz.

Eles pagam pouco(...) A senhora perde a esperança de trabalhar, porque dar o suor e dar força para eles e não ganhar o seu valor, a senhora até perde a esperança de trabalhar. Porque dar seu suor e dar força para eles e no fim do ano seja o que for, eles têm, a senhora não tem nada". (Entrevista em 24/05/ 2000).

"...ser branco, para mim, é ser racista, porque não é todos também. Não é difícil ser negro aqui nesta comunidade. Mas agora racismo tem bastante, mas a gente vai em frente. Se percura a gente percura...se não percura, a gente não percura..."

Se formos buscar no dicionário Aurélio (1986) obteremos os seguintes significados para *racismo*:

1. Tendência do pensamento, ou modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas.
2. Qualquer teoria que afirma ou se baseia na hipótese da validade científica do conceito de raça e da pertinência deste para o estudo dos fenômenos humanos. raça]
3. Qualquer teoria ou doutrina que considera que as características culturais humanas são determinadas hereditariamente, pressupondo a existência de algum tipo de correlação entre as características ditas "raciais" (isto é, físicas e morfológicas) e aquelas culturais (inclusive atributos mentais, morais, etc.) dos indivíduos, grupos sociais ou populações.
4. Qualquer doutrina que sustenta a superioridade biológica, cultural e/ou moral de determinada raça, ou de determinada população, povo ou grupo social considerado como raça.
5. Qualidade ou sentimento de indivíduo racista; esp., atitude preconceituosa ou discriminatória em relação a indivíduo(s) considerado(s) de outra raça.

Ao analisar palavra *racismo*, somos remetidos ao conceito de *raça*, tema que tem mobilizado as ciências sociais. Contudo, analisarmos o conceito de racismo a partir da forma como a palavra é apresentada no dicionário poderia ser considerado um truísmo, pois as discussões precisam ser historicizadas. Além do mais, precisaríamos tratar como: conceito de raça, a hierarquização dessas raças e

discutir o conceito de democracia racial, que ainda é vivo na imagem (cotidiana e popular) daquela comunidade.

Para Bernd (1994, p. 11), “a ciência atual já comprovou sobejamente a impossibilidade de aplicar ao ser humano o conceito de raça (...)que surgiu em referência ao reino animal.” Já no início do século, o termo *etnia* começou a ser usado, porém este não está isento de problemas conceituais. Optamos então, por discutir e especificar o que a comunidade quer falar,

“... dia de baile eles não deixavam nem o negro chegar na frente. Mas depois que começou aquela lei que não podia ter mais racismo, aí essas coisas assim tinha que parar com o racismo. Aí então eles permitia pode vir, pode olhar, mas entrar e dançar não pode (...) cada vez que tinha eleição, que a gente ia votar ela dizia: é hoje que meu salão vai encher de negro. Mas hoje, bem feito, tem que vir aqui para votar.”

Na fala de uma ex-professora da comunidade aparece a forma como ainda é vista a comunidade de São Miguel por alguma pessoas da área urbana: “ Dizem que eles são preguiçosos , que eles não plantam nada. Eu mesma ouvi várias vezes das pessoas. Dizem: Olha lá, o teu povo não faz nada” (entrevista em 24/05/ 2000). Esses depoimentos fazem ver que a situação de tensão se mantém entre a comunidade e as populações de outros distritos que ainda os vêem “*como o povo de outro lugar, que não produz e portanto não é parte da cidade.*”

I. Identidade e escola: relações e possibilidade

Nestas festas a gente leva e vai buscar. Agora o meu sentimento é não saber ler nem escrever, porque a gente quando era no tempo dos antigos, aula tinha que caminhar um dia inteiro para ir até a parada.. (...) A escola era longe então as vezes a gente não ia a aula. Eu sempre estou falando para qualquer pessoa que conversa comigo, o meu sentimento é não saber ler nem escrever...”¹³

Nessa terceira parte, temos a preocupação de discutir algumas questões sobre educação, destacando a importância da história, presente em vários depoimentos; contar aspectos da organização da escola e a importância que ela tem na vida da comunidade e, finalmente, a forma como a escola tem colaborado para a formação ou construção da identidade na comunidade.

Marc Ferro (1983) compreende que a história a nós contada quando crianças é, em grande, parte responsável pela concepção de história que possuímos como adultos. Nesse sentido, a história ensinada na escola tem grande significação, pois o sujeito carrega os conceitos nela veiculados ao longo de sua vida.

A sociedade brasileira vem questionando a educação e discutindo alternativas para transformá-la em contribuição de ponta à formação da

¹³ *Entrevista em 04/08/2000*

cidadania. Durante muito tempo, a educação se calou perante as dificuldades raciais percebidas no cotidiano da sala de aula ou no interior dos processos de ensinar. Hoje, considera-se que uma das tarefas da educação para transformar a sociedade é conseguir eficiência educativa com sensibilidade solidária. Nessa concepção, a educação pode colaborar na transformação da sociedade ou, ao contrário, ser instrumento para a sedimentação da dominação de grupos e classes sociais. Como bem expressa Freire: "A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante quanto no seu desmascaramento"(1996, p.110).

Sabemos que muitas dificuldades interferem no processo formativo da educação, envolvendo desde problemas de ordem material, até vontade política, formação adequada, falta de educação continuada, entre outras. Diante dessas dificuldades, cresce a responsabilidade do educador, concebido, nesta pesquisa, como agente de construção e reconstrução da prática educativa de sala de aula. Freire (1996) diz que faz parte do compromisso ético do professor integrar-se em processo de reflexão a respeito de tudo o que acontece na vida da sala de aula.

Já, para Silva (1997), é necessário que a educação comece a preocupar-se com os diferentes segmentos culturais que estão presentes no país, considerando diferenças étnicas , regionais, econômicas. As idéias uniformizantes engendradas pelo sistema de ensino em nome da igualdade para estratos sociais menos privilegiados podem significar a dominação e impossibilidade de mecanismos de reação a essa expansão. Ao buscar novos referenciais, o profissional de educação dá um passo no sentido de transformar os conteúdos e as práticas educativas a com base em novos parâmetros.

A reflexão sobre a experiência implica coerência e comprometimento do educador com o processo de transformação da escola, em geral, e da maneira de ensinar do professor, em particular. Esse processo se constrói em movimento dialético entre fazer e pensar, refletir e agir, pois “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1996, p.58).

Na perspectiva que se baseia na uma racionalidade técnica, o ensino de qualidade é equiparado à produção de mercadorias, e o professor é transformado em técnico que busca a qualidade de um produto a partir da aplicação do conhecimento científico. Logo, a prática docente limita-se a conhecer e a aplicar o que especialistas determinaram como necessário para se chegar a uma aprendizagem de qualidade; a reflexão é delegada aos técnicos, cabendo aos professores executar na sala de aula o que eles pensam.

Em oposição, na concepção reflexiva, o ensino é considerado permanente processo de reflexão/ação, ação/reflexão, criando movimento possível para transformar a prática em objeto de análise. A prática docente pode ser entendida como atividade “complexa, que se desenvolve em cenários singulares, claramente determinados pelo contexto, com resultados em grande parte imprevisíveis e carregados de juízo de valor, que requer opções éticas e políticas” (Sacristán, 1998, p.369).

A imprevisibilidade do que acontece em sala de aula requer sabedoria experiencial que permita responder às dificuldades apresentadas a partir de um “diálogo reflexivo com a situação problemática” (Sacristán, 1998, p.369). O professor reflete diante do problema, procurando definir as alternativas que mais se

aproximam da situação-problema para poder superá-la na prática. Sacristán (1998) entende a reflexão como esforço de análise e necessidade de elaborar proposta, capaz de compreender e orientar a ação. Essa ação de ensinar e educar, ou de educar e ensinar do professor prático-reflexivo pode colaborar para a transformação da educação.

Na busca de alternativas para a sua prática, os professores desenvolvem um processo de reflexão sobre suas crenças, conceitos e ações, além de estudos que possam ajudá-los a compreender e atuar na realidade em que estão inseridos. Para Grillo³ (1998), o professor prático-reflexivo atua com base em três princípios:

Primeiro, conhecimento na ação e reflexão na ação orienta a inesperadas. O segundo – reflexão sobre a ação refere-se ao processo de pensamento que ocorre retrospectivamente sobre a situação problemática e sobre a reflexão realizada. O terceiro é a reflexão sobre a reflexão que é o momento de buscar significados e explicações para as decisões tomadas, à luz de estudos teóricos...com vistas à reconstrução de uma nova teoria à sua prática.

A prática reflexiva acontece em diferentes momentos: o conhecimento e a reflexão diante da situação problemática, ensejando decisão e ação; a reflexão sobre a ação, quando é feita uma análise distanciada da situação problemática; a busca de significados e explicações para as decisões tomadas.

A intervenção docente, produto de reflexão sobre a ação em sala de aula, encaminha processos de criação e transformação de significados que vão qualificar a aprendizagem do aluno: “Apenas quando o aluno mobiliza seus próprios instrumentos de troca pode descobrir suas insuficiências, compará-los com elaborações alheias e preparar o caminho de sua transformação” (Sacristán, 1998, p.85).

O aluno, ao utilizar seus códigos, sua interpretação do mundo, estabelece uma rede de troca de significados que pode ser ampliada e clarificada pela intervenção do professor, pois “O ensino não é o meio para atingir certos objetivos fixos, previamente estabelecidos, mas o espaço na qual se realizam os valores que orientam a intencionalidade educativa (...) que se debate e decide dialéticamente, na comunidade social, na escola e na aula” (Sacristán, 1998, p.96).

Com essas idéias, desenvolvemos a reflexão sobre a nossa prática no processo de ensinar e aprender ou aprender e ensinar. Supor que a identificação dos pontos de estrangulamentos no ensino poderia operar transformações seria ingenuidade. Urge redirecionar o ensino renovando-o, o que envolve reflexão a respeito da necessidade da construção de um projeto político-pedagógico relacionado a um projeto de sociedade e ao perfil de educação desejada. Para a ressignificação do ensino de história, podem-se considerar com aspectos importantes:

- a) a necessidade de um projeto coletivo que envolva toda a estrutura educacional, professores e disciplinas diferentes, pois o processo de transformação exige uma ação integradora para sua efetivação;
- b) a necessidade de alteração da estrutura de trabalho do professor, permitindo que ele consiga refletir sobre a prática e produzir novas relações;
- c) a melhoria na formação do professor, habilitando-o a um posicionamento reconstrutivo, possibilitando-lhe a consistência teórica que o instrumentalize para a análise de teorias subjacentes a textos, livros e materiais variados.

Dar voz aos excluídos pode significar rompimento com a forma tradicional de ensinar. A introdução de novos materiais, novas fontes, novas abordagens, novas perspectivas coloca no centro da reflexão sujeitos que até então eram ausentes da escola e das temáticas discutidas na sala de aula.

Parece-nos que a comunidade de São Miguel vive essa experiência. Como forma de dar visibilidade dessa situação, apresentamos o depoimento de uma das pessoas mais antigas da localidade que narra o processo de organização da escola na comunidade:

Lá perto da igreja dos alemão tinha uma escola, mas era só deles. Era separada a escola. Era, proibido pessoa morena, que deixou de ser separada, em 50 anos ou 55. Aí entrou um prefeito que disse: no Brasil não pode ter escola separada ou igreja. São tudo filho de Deus e nós estamos no Brasil, nós somos brasileiro. Aí tiraram a escola dali, terminaram com a escola deles. Aí começamos a lutar por esta escola aqui. Aqui não tinha escola. Aí nós fundamos esta escola. Ali não tinha nada. Aí nós tava um dia roçando a estrada eu e o irmão do Padoque, já falecido, que Deus dê o céu para ele, e nós tava roçando ali....Aí eu disse: "Bom, prefeito, eu lhe ouvi, agora vai tocar a vez do senhor me ouvir também. Então eu disse: Não, mas nós aqui não tem uma escola"(...)Pois é, escola se ajeita. Mas onde vamos fazer esta escola? Aí eu me virei: E essa terrinha aí que tem do lado da escola aí? Aí ele disse: se tem terreno para construir a escola, a escola tá funcionando. Aí ele disse: Vamos fazer o seguinte: tu pega uma folha de papel almaço, uma caneta e aí tu sai pra fazer levantamento da comunidade. Aí, se tiver 15 alunos está feito a escola. Mas, não tem disse ele. Não se vê casa, aonde é que estão esta gente? Aí eu disse, não tá tudo bem. Aí, eu sai para fazer levantamento, caminhei por aqui levantando as crianças que não tinham escola. Achei 45 crianças. Aí o falecido prefeito falou. Mas 45 crianças tem lá na tua escola na comunidade de São Miguel e não tem escola lá? Aí ele disse: Mas que barbaridade! Esse rapaz aqui fez obrigação de vereador, descobriu isso aí! Aí o prefeito chegou e ele apresentou para ele o papel. Mas, barbaridade, é aluno para escola, mas barbaridade! Com 15 alunos já dava para abrir uma escola. Eu tinha feito uma descoberta que ninguém nunca havia imaginado.¹⁴

Podemos perceber, pelo relato, que até 1960 não havia escola para os moradores negros de São Miguel e que a iniciativa de construir uma escola para a comunidade surgiu de um membro da comunidade, que, para provar ao poder público a necessidade da construção de uma escola na localidade, teve ele mesmo de fazer um recenseamento dos futuros alunos. Na época, existiam duas escolas: uma para os descendentes de alemães e outra para os descendentes de italianos. Esses fatos são descritos em vários outros depoimentos como o que segue " Eu lembro da

escolinha de madeira. Só que era separado, os negros não estudavam com os brancos. Eles tinham uma escolinha lá em cima, em uma igreja evangélica. Então tinha divisão, mas hoje não tem mais.”

Consideramos também, importante destacar que a construção da escola foi possível por Ter sido doado um terreno por membro da comunidade ; no entanto a escola recebeu o nome de Edmundo Bischoff. Somente em 1974, pelo decreto de nº 42/74, após consulta popular, a escola mudou o nome da escola para Escola teve seu nome mudado para Municipal Manuel Albino de Carvalho, que havia feito a doação do terreno.

Pretendemos mostrar através desse breve histórico da escola , a influência que a comunidade teve na sua fundação (anexo documento interno da escola, contendo dados de sua fundação). Essa constatação traz a seguinte problematização: haveria tensões raciais no interior da escola? Como foi a inserção das pessoas negras na escola? Quais são as relações entre escola e identidade?

Para refletir a respeito das tensões na escola, valemo-nos dos seguintes depoimentos: “...uma professora uma vez disse para uma filha minha: “vou-me embora do meio dessa negrada que quer ser o que não pode...” “...nós ajudava muito e, quando saía festinha, e saía festinha seguido porque faltava tudo, nós é que ajudava. Eu tocava violino e o nosso grupo era bom, então eu dava tudo para a escola. Aí eu dizia, nós queremos levantar isso aqui. Aí as professoras ficavam feliz.”

Percebemos que existia uma relação contraditória entre comunidade e escola: ora se mostrava uma posição de choque e enfrentamento visto que alguns professores se negavam a trabalhar na escola devido ao grande contingente de alunos negros na comunidade; ora era de ajuda e interferência dos pais no sentido de qualificar a escola, colaborando para que os alunos tivessem um ensino melhor. Essa situação

¹⁴ Entrevista em 24/4/1999.

não causa estranhamento uma vez que, como diz Santos, ainda hoje (1997, p 76) a “nossa educação e os nossos meios de comunicação têm cumprido muito bem o papel de reforço ao racismo, tanto junto aos educandos quanto aos educadores.” Sabemos que o sistema escolar tem colaborado para reforçar o racismo, seja pelo reforço à idéia de uma sociedade que se constrói pela valorização igualitária das três raças (mito ainda hoje estranhamente difundido nas escolas), seja pela manutenção de currículos eurocêntricos que reforçam a crença da superioridade de um grupo, limitando-se a ver outras formas e manifestações culturais como exóticas. Tudo isso pode colaborar para a manutenção dessa estrutura.

Acreditamos, entretanto, que, se a escola pode colaborar para a segmentação de padrões sociais tradicionalmente estabelecidos, pode também conduzir a para mudança dos mesmos, como atestam os depoimentos:

“ A gente sabe que o racismo existe(...), infelizmente. Mas se a gente que é educador e numa comunidade que é eminentemente negra gente não fizer nada...” (entrevista 25/04/1999)” em 1995. A gente começou a organizar a semana da consciência negra e nesse dia a gente apresentou o grupo... A gente vendeu cachorro- quente para fazer as roupas e sentiu que eles não gostaram (diz que riam das roupas) idem “ o nosso movimento tem caráter beneficente, é fazer a integração da comunidade e não só se visitem, como se sintam mais amigos. O objetivo é que se visitem mas, em caso de doença, se ajudem.” (entrevista 24/05/2000).

“...eu acho que as pessoas começaram a se aceitar um pouco mais, até as pessoas de mais idade...”

Pelos depoimentos transcritos, percebemos que tem havido grande interesse em participar de reuniões para discutir questões relativas aos problemas da comunidade. Em uma reunião da qual participamos, os membros da comunidade assistiram a um documentário que tratava das populações remanescentes de quilombos, sobre o qual após, discutiram mostrando-se encantados em saber que

existiam outras comunidades negras. Destacamos que as reuniões são sempre realizadas na escola e que delas participam as pessoas mais velhas, em sua maioria mulheres.

De acordo com Silva (1997, p. 25), “na perspectiva multirracial a escola é considerada não apenas como espaço para apropriação do saber sistematizado(...) mas também como espaço de reapropriação da cultura produzida pelos grupos sociais e étnicos excluídos.”

Diante de um quadro de mudanças que vem acontecendo na educação, parece, entretanto difícil imaginar uma escola capaz de colaborar para a criação de novos padrões de sociabilidade, de respeito às diferenças culturais e, talvez mais que tudo isso, de colaborar para gestar um processo que possa se “constituir em valores de refúgio (...)” (Silva, 1997, p. 45) em que todos sejam atores autores de suas histórias de vida.

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Sabe, aquela coisa meio materna. A gente fica meio assim, a gente vai sair daqui, será que isto vai morrer? Outra diretora, outros professores, será que eles vão continuar com este projeto (...) eu não sei dançar. Mas o fato de tu estar lá junto, entrar na roda de capoeira e ficar lá junto batucando um pouco, isso incentiva mais. Mas eles agora não precisam mais. É engraçado, desde o ano passado (...) a nossa presença não fazia falta(...) Eles começam a anadra sozinhos. Quer dizer que existe um crescimento grande. Eles Têm este orgulho pela localidade. Esse respeito que eles têm pelos mais velhos (...).

Neste parte, descrevemos a forma como foi feita essa composição que chamamos de *investigação* e que permitiu formarmos uma imagem a respeito da constituição histórica de São Miguel, bem como da relação entre identidade e história.

Conheçamos de antemão a complexidade do desenvolvimento desta pesquisa, em que pesquisados, professora pesquisadora, histórias de vida e do negro deveriam ser entrelaçados, compondo um quadro que permitisse compreender o caso estudado. No estudo de caso, “o pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo, de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas ‘generalizações naturalísticas’” (Lüdke, Menga, 1986, p.19).

Esta pesquisa tomou como ponto de partida o nosso conhecimento experiencial de ser negro em uma sociedade que tem reiterado práticas de diferenciação e que o pesquisador, antes de cientista, é um sujeito envolvido no

mesmo processo de diferenciação, fator que colaborou para gerar confiança entre os entrevistados, que refletiam conosco, opinavam e indicavam entrevistados que poderiam fornecer-nos mais informações. Salientamos que essa situação permitiu que circulássemos na comunidade, ouvindo, convivendo, recebendo convite para aniversários e outros momentos de sociabilidade.

A pesquisa foi realizada com pessoas da comunidade, assim selecionadas:

- oito entrevistados faziam parte da turma de alfabetização de adultos, todos moradores da comunidade de São Miguel- com eles buscamos obter e compreender dados tanto sobre a história da comunidade como sobre o processo de formação da identidade uma vez que alguns desses entrevistados também são líderes comunitários;
- cinco entrevistados eram pessoas mais velhas, da comunidade, por ela indicadas e que falaram a respeito de suas histórias de vida , que se entrecruzavam com a história da comunidade;
- quatro entrevistados jovens, que discutiram a questão da identidade no âmbito da escola. Estes jovens participam do grupo de dança ou de capoeira da escola;
- uma líder comunitária;
- uma ex -professora da escola, que iniciou o processo de discussão a respeito da identidade na comunidade. Destacamos que, dos entrevistados, esta é a única branca. Usamos como critério a autoclassificação.

Com o objetivo de proporcionarmos maior conhecimento ao leitor acerca da amostra da pesquisa, apresentamos uma tabela que mostra a idade e sexo dos entrevistados:

Tabela 1- Entrevistados por sexo e idade

Idade	até 30 anos		30-60		mais de 60		Total
	M	F	M	F	M	F	
Sexo	1	3	1	5	2	7	19

Fonte: Primária

A pesquisa caracterizou-se como um estudo qualitativo que usa a abordagem do estudo de caso para compreender a formação da identidade em uma comunidade negra. Segundo Lüdke e André (1986, p.18), “pesquisa qualitativa é o que se desenvolve em uma atuação natural e rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de uma forma complexa e contextualizada”.

Apoiada nesse pensamento e focando a abordagem metodológica através do estudo de caso, procuramos sistematizar a história da comunidade e a forma como vêm sendo discutidas as questões de identidade e o tipo de questionamento que elas suscitam. No dizer de Lüdke e André (1986, p.17), “o caso se destaca por se constituir em uma unidade dentro de um sistema mais amplo, pois quando queremos estudar algo singular que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher um estudo de caso”. Nesta pesquisa, o estudo visou à descoberta, através da nossa observação atenta, do novo que ia emergindo ao longo do trabalho.

Pretendíamos trabalhar com uma turma de alfabetização de adulto. Porém, como nesse período houve mudanças políticas e a turma se desfez, tomamos a decisão de entrevistar os alunos em suas casas, o que se mostrou bastante interessante, pois permitiu que conhecêssemos mais a comunidade estabelecendo uma relação menos formal com os entrevistados. Os demais entrevistados foram escolhidos seguindo os critérios antes referidos.

Para desenvolver pesquisa, utilizamos os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas- base do trabalho de investigação, análise de material interno da escola, pesquisa em arquivos do município, observações e participação em reuniões da comunidade, participação informais. As observações feitas em reuniões (durante o ano em que se desenvolveu a investigação pudemos participar de uma reunião) tiveram por objetivo compreender como a comunidade vem discutindo suas questões.

Especificamente em relação, à entrevista, foi um instrumento que possibilitou a interação entre pesquisadora e os pesquisados; desencadeou um processo de reflexão a respeito da história da comunidade e do próprio conhecimento histórico, que será apresentado na análise dos dados. Lüdke (1986, p.33) chama atenção para a importância da interação quando diz que “é importante ficar atento para a interação que permeia a entrevista... havendo uma influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”.

Através da entrevista, coletamos as informações a respeito da relação entre escola e identidade. No decorrer do seu desenvolvimento, não apenas a expressão oral era registrada, mas também eram observados gestos, expressões e ações que permeavam a fala dos entrevistados. Para fins desta pesquisa, consideramos vários elementos ou fatos como:

- posições a respeito da participação em reuniões na comunidade e reflexões a respeito do que ser negro e da forma de viver na comunidade;
- narração de histórias de vida, com o que pretendíamos fazer o entrecruzamento entre a vida dos sujeitos entrevistados e a história da comunidade;
- reflexão sobre as relações raciais na comunidade, buscando compreender como se articulam os diferentes grupos étnicos que dividem o mesmo espaço;

Outra forma de acesso às informações foi a observação e análise de reuniões, o que, na verdade, que, devido à exiguidade do tempo, se restringiu a uma. Nesta, procuramos identificar propostas coletivas de ação, discussões, problemas e dificuldades vivenciadas pela comunidade. Participamos também de reuniões informais na escola que nos permitiram conversar com os professores identificando a relação estabelecidas entre escola e comunidade na visão dos professores.

Os dados obtidos foram tratados por meio da análise de conteúdo que

constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada, levando a descrição e interpretação desses materiais, assim como a inferências sobre suas condições de produção e recepção (Moraes, 1994, 104).

Para Richardson (1985), a análise de conteúdo compreende as seguintes fases: pré-análise, quando são ordenados os dados; análise do material, em que acontecem a codificação e a categorização da informação, e tratamento dos resultados, na qual são feitas a análise e a interpretação. Em nossa pesquisa, na fase

de análise dos dados, procuramos descobrir unidades de significados nas falas dos entrevistados e nas observações, bem como sua relação com as vivências do grupo em foco. Como já tínhamos relações na comunidade, as entrevistas não eram marcadas com antecedência, íamos às casas das pessoas (muitas delas já aposentadas), que, depois da inibição natural provocada pelo gravador, mostravam-se muito receptivas para conversar.

No enfoque qualitativo, a entrevista serve como forma de obter dados. Assim, durante o ano 2000, fizemos entrevistas semi-estruturadas com pessoas da comunidade, as quais “partem de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (Triviños, 1987, p.146).

Ainda que tivéssemos partido de questões semi-estruturadas, a fala das pessoas fluiu naturalmente, a quais desenvolveram uma linha de pensamento revelando suas concepções, mas, sobretudo, a forma como vêem as relações raciais na comunidade. Durante as entrevistas, percebemos que as preocupações giravam em torno da busca de alternativas econômicas para a comunidade.

Os primeiros entrevistados (pessoas mais antigas na comunidade, como se autodefinem) afirmaram a estreita relação entre comunidade e escola, destacando a luta que houve na localidade para que se construísse uma escola. Nesse processo, revelam que como participaram desde o processo de doação até o acompanhamento de filhos e netos, confirmando a hipótese de que a escola é um centro polarizador na comunidade. Consideramos interessante a valorização que é dada à história e que aparece tanto na fala dos jovens quanto na das pessoas mais tradicionais da comunidade, pois

- falaram a respeito do significado de ser negro naquela comunidade;
- explicaram como é tecida a sociabilidade entre os diferentes grupos étnicos;
- expressaram sua concepção sobre as relações que se estabelecem entre as diferentes etnias na comunidade.

As respostas referentes a esses tópicos nos forneceram uma grande quantidade de dados para serem analisados. Contudo, segundo Lüdke (1986, p.45), “analisar os dados qualitativos significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa”. Por isso, organizamos os dados coletados nas entrevistas, os relatórios das observações, os documentos, procurando neles identificar padrões e tendências relevantes para o desenvolvimento da análise do material. Essa se processou desde a coleta dos primeiros materiais, pois, desse modo, pudemos identificar aspectos que precisavam ser e ser mais explorados, enfatizados, ou que mereciam novo tratamento.

Após a entrevista gravada, procedíamos à transcrição do material, que, após, era lido, destacando-se as principais idéias, separando-se unidades de significado. Anotávamos, em um caderno de campo, impressões que a entrevista nos provocara, inferências que começavam a emergir. Esse procedimento acontecia após cada uma das entrevistas. Triviños (1987, p.155) compreende que as anotações de campo “representam ou podem representar as primeiras buscas espontâneas de significados, as primeiras expressões de explicações (...)”. Concordando com o autor, acreditamos que esse procedimento colaborou para a compreensão dos dados.

Concluídas as entrevistas, fizemos a leitura e releitura da totalidade do material, fazendo novas anotações que o conjunto dos dados coletados nos indicava e selecionamos as diferentes unidades de significado, organizando-as e nomeando as subcategorias. Com esses procedimentos, obtivemos categorias mais amplas, a saber:

- história e vida: sujeição e luta;
- comunidade e escola: caminhos e descaminhos;
- identidade e escola: relações e possibilidades.

Escolhemos a análise de conteúdo como forma de tratamento e compreensão dos dados coletados, porque visa “obter através objetivos de descrição de conteúdo dessas mensagens(...),que permitam inferir conhecimentos relativos de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens”(Bardim, 1977, p.31). Neste estudo, a análise de conteúdo foi pertinente, pois, segundo Olabuenaga (1996), por ter um sentido, o qual pode ser extraído dos documentos, pois nem sempre é manifesto. Esse sentido simbólico ou significado não é único; pode ser múltiplo em função da perspectiva e do ponto de vista de leitura do texto. Assim, um mesmo texto contém muitos significados.

Para a análise de conteúdo, consideramos os seguintes passos, tomando como base Porlán (1997, p.163):

- 1.transcrição da entrevista, distinguindo a reprodução textual das informações relativas ao objetivo da investigação das que não tinham relação direta com essa e que refletiam dados interpretativos;
2. redação e categorização das unidades: em um primeiro momento, foram elaboradas fichas contendo unidades de informação que agrupassem um significado em si mesmo. Cada unidade foi categorizada e codificada para facilitar a análise;

3. elaboração da interpretação: organizados os dados por categorias, buscando fazer inferências sobre as possíveis concepções dos professores a respeito do ensino de história.

Quanto ao tratamento dos dados, procuramos identificar, na fala dos entrevistados, no relatório das observações, nos documentos analisados, as percepções sobre os temas antes detalhados.

CONCLUSÃO: CAMINHOS DA IDENTIDADE

Ela me deixava ser professora, porque eu tinha muita vontade de ser professora. Eu ia na casa dela, ela me dava a matéria para eu copiar e me deixava dar aula para os outros; eu tinha vontade de estudar mais e a outra escola era a dos alemães (nesta época em São Miguel a escola oferecia ensino até 6ª série do ensino fundamental). Eu fiquei sonhando em ser professora, costureira, aí depois de 12 anos eu decidi, assim: eu posso ser dona de casa. Aí eu comecei a sonhar em ser dona de casa. Era sonhar em ter minha casa, ter meu marido, ter meus filhos e ter uma máquina de costura e uma geladeira. Eu fiquei sonhando...Eu continuo sonhando até hoje." Entrevista em 21/04/1999).

Ao apresentar as considerações finais sobre a pesquisa, queremos deixar claro que desenvolvemos este trabalho sem que houvesse uma preocupação com a separar entre sujeito pesquisador e sujeitos informantes. Pelo contrário, o envolvimento colaborou para que conseguíssemos penetrar na realidade cotidiana da comunidade ouvindo suas histórias de vida, projetos para o futuro, confissões, dores, sonhos... Essa proximidade que se estabeleceu foi importantíssima para que pudéssemos compreender o processo de formação da identidade na comunidade.

Para desenvolver o trabalho, conversamos com dezenove pessoas, sendo que com duas delas foram feitas duas entrevistas. Apenas um dos entrevistados não participa de reuniões que tenham por fim conhecer mais sobre a história da comunidade ou a respeito de ser negro no Brasil. Observamos que, nas reuniões, participam, predominantemente, pessoas mais antigas e mulheres (em uma reunião das trinta pessoas presentes havia apenas dois homens). Na reunião a que tivemos oportunidade de assistir foi passado um filme sobre comunidades remanescentes, o

qual despertou grande interesse dos presentes em conhecer esses grupos semelhantes a São Miguel. Destacamos que apenas uma das entrevistadas disse que considera uma bobagem “ estas coisas de África, porque nós somos é brasileiros”.

Consideramos importante destacar que as primeiras reuniões para conversar a respeito de viver e ser negro em uma comunidade com essas características foram feitas na escola (é interessante lembrar que a própria escola resultou do interesse das pessoas da comunidade de São Miguel). A escola continua sendo um centro que congrega as pessoas em festas, bailes, discussões sobre identidade, reuniões do movimento negro, velar os mortos... Essa multiplicidade de funções evidencia a significação que a escola tem para a comunidade, que a vê como possibilidade de ascensão social.

O estudo mostrou-nos que alguns moradores se sentem perplexos diante do das mudanças que vêm acontecendo no mundo e na comunidade. Podemos encontrar depoimentos nesse sentido: “falta muito... falta recurso, falta empregos, a gente aqui fica meio-abandonados”, “antes a gente não vivia assim”, “ é bem importante a gente saber mais”. Corrobora, no mesmo sentido, a fala de outro entrevistado: “Eu acho que falta um trabalho conjunto para a gente viver melhor.” Verificamos que a maior preocupação da comunidade gira em torno da falta de alternativas econômicas, o que obriga parcela significativa da população jovem a ter de deixar a comunidade, dirigindo-se a centros urbanos maiores onde busca maiores possibilidades de trabalho.

Desejávamos, com o trabalho desenvolvido, perceber se existe processo de formação da identidade negra (se é que ela existe), e descobrir qual a relação entre escola e comunidade. Percebemos que existe uma preocupação por parte dos professores da escola em organizar grupos de dança, em conhecer mais sobre a história do negro no Brasil. Acreditamos que talvez fosse importante oferecer cursos

de formação para professores que trabalham em comunidades remanescentes de quilombos, porque, muitas vezes, o professor, no afã de discutir a respeito da história do negro, pode colaborar para reforçar certos estereótipos como demonstram os depoimentos: “ eles são queridos, são limpinhos !”, “eu faço questão de dizer para eles que houve escravidão, mas que eles são culpados, porque já havia escravidão na África”; “ não sei se as crianças daqui tem mais dificuldade de aprender, mas tem muita gente que acha.” Recomendamos a necessidade de formação, pois a escola é um dos cenários onde são discutidas a identidade e o papel do negro. Esta discussão poderia ser qualificada se os conceitos sobre o negro presentes na escola fossem mais discutidos.

Confirmamos que a questão do registro das terras é uma preocupação do grupo. Nas entrevistas, quando perguntados sobre a questão das terras, dominava certo ambiente de medo. Acreditamos que essa situação deve-se à proximidade com o centro urbano , o que coloca em risco a sua posse da terra.

Fazemos questão de reafirmar princípios éticos de pesquisadores que trabalham nessas comunidade. Enquanto caminhamos pelas estradas no interior da comunidade, ouvimos uma pergunta da adolescente que nos conduzia: “Você é mais uma daquelas que vai vir de gravador e depois nunca mais aparece?” Ao destacar esse fato, queremos chamar atenção para o compromisso ético de quem realiza a um trabalho sobre determinada comunidade sem que os seus membros tenham acesso ao produzido e discutido. Nesse sentido, fazemos questão de dizer que não os vemos como categoria analítica, mas como , atores que vivem e convivem em um cenário, que vêem o outro e que querem saber como este “outro” os vê.

Priorizamos os depoimentos como forma de coleta dos dados em uma comunidade que vem pensando sobre a sua experiência histórica, que busca sua identidade na memória dos velhos contadores de histórias, como indicam seus

depoimentos: “ Bom, agora que eu tô velho, tenho que cuidar das coisas para os mais novos”, “ eu não enxergo mais, então tenho que ficar contando histórias para os mais jovens.” E a identidade é como que o atestado de existência concreto que diz do que são, quem são e o que desejam ser .

ANEXOS

ANEXO**Formulário de Entrevista****1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome: _____

Sexo _____ Idade: _____

Formação _____ Anos que permaneceu na escola: _____

Escola _____ Trabalho _____

2. QUESTÕES DE ENTREVISTA

- a) Fale a respeito de sua infância na comunidade.
- b) Como é viver em uma comunidade em que a maioria da população é negra, como São Miguel?
- c) Descreva como foi seu período de permanência na escola.
- d) Quais as lembranças que você tem desse período (professoras, conteúdos, situações...)?

ANEXO B¹⁵

Florianópolis, 12 de novembro de 1999

Ao Excelentíssimo Senhor

Pedro Parente

Chefe da Casa Civil da Presidência da República

Assunto:

CONSULTA PÚBLICA

ANTEPROJETO DE DECRETO SOBRE PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS PARA IDENTIFICAÇÃO, RECONHECIMENTO E TITULAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DOS QUILOMBOS

O NUER- Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, reconhece e louva o interesse da Casa Civil em considerar as discussões já existentes sobre o assunto, através desta consulta pública. Vem, contudo, manifestar-se em desacordo ao anteprojeto de decreto ora apresentado, principalmente nos seguintes pontos:

1- Quanto ao processo de elaboração da proposta; 2- Quanto à definição e à abrangência do fenômeno referido ao anteprojeto; 3- Quanto às fases do processo e a atribuição das competências.

1- Quanto ao processo de elaboração da proposta:

O anteprojeto parece desconhecer que:

- há um saber construído até o momento pelas diversas associações e comunidades que se autodenominam quilombolas e portanto estas precisariam ser chamadas a participar do processo.

- trata-se de uma demanda social diferenciada que se intitula QUILOMBOLA e assim sendo, abrange uma complexidade e diversidade de situações que precisariam ser discutidas e suficientemente conhecidas, sob o risco de deixar de fora um número muito significativo de casos relativos ao próprio fenômeno referido às populações afro-descendentes.

- há no presente momento uma articulação entre os quilombos e diversos setores e instituições da sociedade civil, tais como, associações de moradores, entidades de movimentos negros, ongs, instituições religiosas, núcleos e institutos de pesquisas das Universidades com um saber e experiências acumuladas sobre o assunto.

- o anteprojeto deixa em segundo plano iniciativas em curso de órgãos governamentais, tais como INCRA, IPHAN, Institutos de Terras, IBAMA, Secretarias de Governos Estaduais, Prefeituras Municipais, entre outros, que já prestaram colaborações em casos pontuais e ignora o próprio TCT – Termo de Cooperação Técnica, formulado pelo GT sobre Remanescentes de Quilombos do INCRA.

2- Quanto à definição e a abrangência do fenômeno referido no anteprojeto:

O Anteprojeto parece desconhecer que:

¹⁵ Documento elaborado pelo NUER- Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas- Universidade Federal de Santa Catarina / entidades de apoio: Núcleo de Estudos de Populações Negras do Mato Grosso- Comissão Pastoral da Terra de Guarapuava MNU- Porto Alegre. Com relação a consulta pública anteprojeto de decreto sobre procedimentos administrativos para identificação, reconhecimento e titulação das comunidades remanescentes dos quilombos

- as diversas estratégias adotadas pelas populações afro-descendentes em cada lugar só adquire sentido, quando associadas ao marco imposto pela história da escravidão, pela forma como foi feita a Abolição do trabalho escravo no Brasil e seus desdobramentos até os dias atuais.

- a resistência territorializante ao escravismo assumiu uma multiplicidade de estratégias e desdobramentos e o que cabe genericamente resgatar é o esforço organizativo dos grupos através de redes comunitárias de auto-proteção. Sendo assim, na reconstrução do espírito da lei, pelos procedimentos administrativos de sua implementação, é necessário que se vise a uma extensão da cidadania a todas as comunidades negras cuja resistência remonta a uma memória da escravidão passível de ser reconstituída pelas redes de parentesco e afinidades que conformam a malha do grupo, insistimos - segundo sua própria memória.

- não nos aproximamos dessa ampliação do debate se excluirmos de atenção comunidades que já foram expulsas de suas terras, mas que permanecem articuladas a uma mesma experiência e unidas, visando a auto-proteção, atualizando as redes de sociabilidade através de várias formas de organização.

- vários tipos de pressão externa sobre a área ocupada pelas famílias tem ativado a memória coletiva que compõe a história da ocupação de suas terras. Estas memória passa a atuar como referência em torno da qual regras de pertencimento e exclusão definem a fronteira e perfazem a noção de grupo.

- muitos que chegam de fora aproveitam-se do fato de que a maioria do grupo não tem escolaridade, desconhece os mecanismos jurídicos de regularização de sua propriedade ou não tem condições financeiras para tal. Valem-se, então, do interesse que o próprio grupo tem de ver sua área protegida e procuram obter vantagens e fazer negócios rendosos através da estimulação de conflitos internos.

- uma vez sendo reconhecida a presença de conflitos nestas áreas, este assunto deve ser matéria prevista nos procedimentos que delimitam e regulam a titulação das terras dos quilombos, do contrário, cada processo será aí interrompido e protelado indefinidamente, como nos exemplos já conhecidos do Rio das Rãs (BA) e Mocambo Antônio do Alto (SE).

- processos sócio-históricos locais e regionais produziram singularidades que precisam ser consideradas. Na Região Sul, por exemplo, é importante levar em conta a especificidade e a complexidade do fenômeno para que se estabeleçam determinadas balizas que possam resgatar o que há de mais progressista no espírito da lei em questão. Estas podem ser verificadas nos casos em que as terras que serviram de base para a formação do grupo e foram perdidas por intimidação, venda sob coação e violência. Ainda, quando as terras em que residem os afro-descendentes situam-se próximas ou no interior de centros urbanos.

Para exemplificar os argumentos acima mencionados, apresentamos a seguir alguns casos registrados nas pesquisas desenvolvidas pelo Projeto do Nuer:

Em Santa Catarina:

Na Invernada dos Negros, localizada no Município de Campos Novos, vivem hoje aproximadamente 300 pessoas descendentes de escravos. Seus antepassados, receberam através de um testamento lavrado em 1877 a doação de 8.000 hectares de terras. Sem qualificação profissional, alfabetização e proteção legal, vitimados por vários tipos de golpes e negociatas, acabaram perdendo setenta por cento da área doada.

Além das dificuldades encontradas pelo grupo para lidar com a esfera judicial, uma vez que a maioria não sabia ler, a aliança dos interesses privados com o poder público resultou no desencadeamento do processo de divisão das terras contrariando

o testamento que previa a não fragmentação da área pelos descendentes dos herdeiros.

A partir da década de setenta as famílias herdeiras enfrentaram um novo desafio: o interesse de empresas de papel e celulose em suas terras. A parte da fazenda que herdaram se transformou em um grande reflorestamento de pinus, incluindo nela a área do cemitério da comunidade, cuja origem remonta ao século passado, antes mesmo da criação do município. A memória dos antepassados e de uma vida em coletividade reúne até hoje as famílias em torno de um objetivo comum: a luta e a resistência para permanecerem no lugar e reaver suas terras.

O atual Morro da Boa Vista em Jaraguá do Sul iniciou-se com a chegada de famílias descendentes de escravos contratadas por volta de 1876 para trabalharem na abertura e demarcação dos lotes coloniais vendidos aos imigrantes europeus. Concluído este trabalho, as famílias ali permaneceram numa área próxima e procuraram viabilizar sua subsistência e reprodução. Esta área, conquistada pelos antepassados através da posse, foi contestada, a partir dos anos sessenta, por particulares, iniciando-se aí um conflito que resultou em expulsão e divisão do grupo.

Outro caso é o da comunidade dos Pacheco, em Rio do Sul, formada a partir da ocupação pelos descendentes da família Pacheco. A expansão urbana não poupou que a área de terra originalmente ocupada de 50 hectares fosse recortada e transformada em uma grande avenida diminuindo a área para apenas 2 hectares. Atualmente, as famílias dividem-se entre os pequenos lotes restantes e contam com uma pequena área destinada a criação de alguns animais. Além disso, resistem à expropriação de novas parcelas da área pela valorização dos lotes urbanos. O grupo organizou-se em diferentes momentos para recuperar as suas terras e em distintas instâncias, questionou os títulos apresentados pelos intrusos e reclamou sem êxito uma indenização da prefeitura pelas terras ocupadas pela avenida.

No mesmo município a comunidade de Domingos, sofreu uma inundação na década de 60 que provocou o deslocamento das famílias para uma outra região. O reassentamento não considerou a historicidade do grupo - até então de agricultores, e desde então passaram a posseiros de pequenos lotes urbanos, num processo de intensa marginalização.

O anteprojeto há de considerar também as comunidades cuja a área de terra original não está mais sob a posse dos remanescentes. Nestes casos encontram-se as comunidades de Portinho, Tapera e Ribeira localizados em São Francisco do Sul. A área de nome Figueira, ocupada anteriormente por estas três localidades foi totalmente transformada na década de 70 com a implantação de empresas de celulose, forçando o deslocamento e a fragmentação do grupo.

No Rio Grande do Sul:

Seriam excluídas dos procedimentos administrativos de identificação ora propostos, comunidades como Rincão dos Martimianos e São Miguel no Centro Riograndense que situadas no âmbito jurisdicional de municípios, tenderiam a ficar fora do âmbito jurídico da Fundação Palmares.

Consideremos mais de perto São Miguel, no município da Restinga Seca. Sob que critérios excluiríamos da consideração de resistência territorializante ao escravismo se, como é o caso, escravos fizeram da guerra federalista de 1893 a moeda de troca por liberdade e terras.

Atualmente cerca de duzentas e cinquenta famílias vêem a propriedade coletiva de 750 hectares ameaçada pelos mais fortes interesses imobiliários, visto que o centro urbano, a 13 Km, se expande em direção à comunidade de forma letal, impondo pelos mil mecanismos que conhecemos bem a evacuação dos grupos mais fragilizados juridicamente.

A continuidade do atual processo colocaria São Miguel em situação similar à comunidade vizinha do Rincão dos Martimianos, já localizada dentro do perímetro urbano da cidade de Restinga Seca, a 8 km do centro da cidade. Segundo os moradores mais idosos o município de Restinga teria se originado a partir de um núcleo populacional constituído pela população negra que posteriormente migrou para Rincão dos Martimianos aproximadamente há 80 anos atrás. Reduzidas em um espaço de 40 hectares, a comunidade dos Martimianos dificilmente vai resistir à dissolução de seus laços de grupo.

Numa ordem crescente de dissolução do patrimônio mais fundamental desses grupos que é o conjunto dos laços comunitários que os constitui enquanto tal, citaríamos vilas em Porto Alegre, como a Vila dos Sargentos e a Vila Mirim. A persistência que preserva essas comunidades apesar da perda das terras só pode ser garantida por procedimentos administrativos gerados para contemplar também esse tipo de situação.

Outros grandes centros urbanos do Rio Grande do Sul guardam situações ainda mais incisivas para um resgate do direito à terra sob o espírito da lei em questão. É o caso da comunidade do Sétimo Distrito do Quilombo, em Pelotas que foi um reconhecido refúgio de escravos.

Do mesmo modo que as áreas rurais já bem descritas, os territórios negros nas áreas urbanas, configuram situações de resistência territorializante ao sistema racista escravista e pós-escravista, e que não é reconhecido pelo atual anteprojeto como passível de titulação.

Um plano de reforma urbana da Prefeitura Municipal de Porto Alegre previa o entroncamento de três avenidas no espaço remanescente que constituía a Vila Mirim. A faixa de remoção atingiu a vila em cerca de 115 domicílios em que residem cerca de 130 famílias e quase 500 indivíduos. A resistência à remoção dos moradores, gerou uma disputa política que se estendeu por mais de dez anos. Entidades do movimento negro foram solicitadas a intervir no conflito em favor da permanência da vila num processo de disputa política que carregava simultaneamente uma dimensão religiosa e de reivindicação da área (de um total de 113 domicílios cadastrados na faixa de remoção 6 são terreiros, uma mãe de santo liderou a resistência à remoção; as reuniões da Comissão dos Moradores ocorreram no terreiro dessa mãe de santo). Apesar do reconhecimento da importância da vila para o conjunto da população negra da capital, o despreparo dos órgãos municipais levou à evacuação e destruição de todo um patrimônio cultural e ameaçou o grupo em sua integridade consolidada ao longo de décadas de uma sociabilidade marginalizada.

No Paraná:

Na Colônia do Sutil pertencente à antiga Fazenda Santa Cruz, deixada em herança aos escravos, em 1854, os 6.530 hectares ficaram reduzidos a 23 hectares. O encolhimento da área original da doação foi feita através da expulsão dos descendentes dos escravos herdeiros das suas terras por fraude nos registros oficiais acompanhado de violência, participação dos governos estaduais nas negociações de terras. Parte dos herdeiros passaram a residir nas periferias das cidades próximas. Atualmente mais de 90% da área herdada pelos escravos da Santa Cruz é de propriedade particular.

A Invernada Paiol de Telha constituiu-se a partir de uma doação em testamento de 1860 aos ex-escravos como indenização pelos trabalhos prestados na antiga Fazenda Capão. Durante quase cem anos ali viveram seus descendentes até a década de setenta quando iniciou-se um processo de grilagem através de pistoleiros e coordenado pelo então delegado de polícia da Comarca. Atualmente, estas terras são de propriedade da Cooperativa Agrária Entre Rios e parte das famílias negras

residem nas favelas da periferia de Guarapuava. Outras famílias dos herdeiros vivem atualmente num reassentamento do INCRA para trabalhadores sem terra. Apesar da perda da terra eles se reconhecem como parentes e afins e estão reunidos hoje numa associação com o propósito de reaver as terras perdidas.

Algumas famílias residentes na Serra do Apon, Município de Castro, teriam recebido a propriedade da Serra de seus antepassados. Aqueles que ainda lá residem encontram-se sobre terras que herdaram de seus antepassados, porém, sobre as quais não dispõem de qualquer título, tornando-se assim, presas fáceis dos interesses imobiliários. Já foram ali registradas várias transações de terras duvidosas quanto a lisura dos processos de compra e venda.

Do mesmo modo os descendentes dos escravos do atual núcleo de São Sebastião, na cidade de Palmas, perderam integralmente as terras que pertenciam a seus antepassados e que deles diretamente receberam e, atualmente aqueles que ali ainda permanecem tem sua propriedade limitada ao lote da casa.

E também a localidade denominada 200 Alqueires, no município de Santa Cecília do Pavão, onde vivem algumas famílias negras, todas ligadas por laços de parentesco, por uma história e trajetória comum. Este núcleo, diante das dificuldades enfrentadas para sua subsistência, vê-se fragilizado e em vias de favelização.

PORTANTO, no que tange à definição e à abrangência do fenômeno, enfatizamos, a premência de se considerar qual a demanda social que está sendo identificada como quilombola e de tratá-la como uma importante via de se reconhecer a historicidade e a trajetória de organização das famílias negras, pautadas no conjunto de referências simbólicas que fazem daquele espaço, o lugar de domínio da coletividade que lá vive, o respeito às formas de apropriação que o próprio grupo elaborou e quer ver mantido. E sob este prisma - incluir desde as que já se autoidentificam como quilombolas até aquelas que têm as mesmas características mas que não se autodenominam como tal, principalmente por não dispor de meios para a elaboração de um discursos nos mesmos termos.

O Quilombo, alcança expressão através de nomes como Paiol, Rincão dos Martinianos, Invernada, Figueira, e tantos outros. O Quilombo pode ser visto a partir da dimensão atribuída ao fenômeno, ou seja, a todas as coletividades descendentes de afro-brasileiros identificadas através da constatação da existência de vínculos sócio-históricos e cuja historicidade traduz-se na demanda social por RECONHECIMENTO (enquanto ações voltadas para a autosustentabilidade) E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA.

Caberá, neste gesto, às instâncias jurídico-políticas, considerar o quilombo como uma, dentre as várias expressões contidas na formação social brasileira.

3- Sobre as fases do processo e a atribuição das competências

O anteprojeto em discussão, parte do pressuposto de que caberá à Fundação Palmares a identificação, a demarcação e a titulação das terras ocupadas pelas comunidades remanescentes de quilombo.

Entendemos que não se trata de isolar a questão que envolve racismo, expropriação e marginalização social numa entidade cujo raio de ação é cultural. A demanda por RECONHECIMENTO E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA requer uma ação integrada envolvendo de forma mais direta e participativa, os vários órgãos do governo e da sociedade civil. O Decreto deverá fornecer parâmetros objetivos para pensar como uma ação em torno de POLÍTICAS PÚBLICAS poderá viabilizar o desenvolvimento econômico e sócio-cultural das populações negras. Trata-se de congregar várias ações cujo início é o reconhecimento da ocupação através do título associado ao resgate da cidadania. Caberia então, incluir não apenas áreas rurais mas também bairros e periferias das cidades, quando tomados a longo tempo para habitar,

consolidar vínculos e construir redes familiares e não exclusivamente (como nos casos já titulados) para praticar agricultura.

Creemos que somente a congregação de diversos órgãos estatais e entidades da sociedade civil envolvidas com a problemática, reuniria o conjunto dos recursos jurídicos, infra-estruturais e com a necessária legitimidade para executar tal tarefa. Não por acaso, as mais bem sucedidas experiências de implementação do artigo 68 têm sido aquelas em que se conseguiu estabelecer uma parceria entre comunidades, entidades governamentais e disposições locais favoráveis.

Por fim, sugerimos que o novo texto leve em conta:

- 1-a abrangência e diversidade do fenômeno
- 2-o detalhamento das fases do processo, das ações de reconhecimento social e titulação
- 3- a definição das atribuições, competências e raio de ação de cada um dos órgãos envolvidos
- 4-a consideração das várias figuras jurídicas a serem aplicadas em caso de terras coletivas, individuais e modalidades mistas
- 5- a previsão dos procedimentos necessários à resolução dos conflitos e respectivas formas de indenizações das partes envolvidas

NUER- Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas
Universidade Federal de Santa Catarina

Entidades de Apoio:

Núcleo de Estudos de Populações Negras do Mato Grosso do Norte

Comissão Pastoral da Terra de Guarapuava

MNU- Porto Alegre

ANEXO C¹⁶**1. Tio Panda**

A minha avó benzia com arruda. Deus deu este dom para ela, era uma força. Podia vir uma pessoa com problema sério ou uma dor de dente que ela benzia e era o mesmo que tirar com a mão. Ela era muito religiosa, todos os sábados tinha terço aqui em casa todo mundo era convidado. O meu nome é Manuel Albino por causa do nome do seu pai! É, antes quiseram botar o nome do colégio ali de nome Bischoff. Aí eu achei que não era possível, pois quem doou foi o meu pai. Aí conversei com o seu Querino, que era vereador, e disse: “Escuta, de quem era este terreno onde foi construída a escola? Foi o meu pai que doou este terreno para fazer a escola. Então como é que esta escola recebeu o nome de Bichoff. Não é porque são os alemão aí.” Naquele tempo era tudo racista. Aí eles fizera um debate e eles disseram: Não, vamos ter que mudar o nome. “E aí até houve uma festa muito grande, fizeram galinhada, churrasco e aí passou a ter esse nome. Aí mandei fazer as fotos e aí desceu foram baixando aquele pano devagarinho...foram baixando. Aí quando tiraram todo mundo aplaudiu. Aí tiraram o nome do Bichoff e botaram lá e aí os alemães souberam que tinham colocado no lixo. Tá chovendo é? Eu nasci, aqui mesmo em São Miguel, senhora, aqui mesmo. E até hoje estou aqui, sim senhora. Aqui eram dois irmãos, Manuel Albino Carvalho e Geraldo Carvalho. O meu finado avô Geraldo Carvalho era o pioneiro em tudo. Então ele só teve dois filho homem. Desses dois irmão é esta geração que está existindo. E eles tinha terras aqui? É

¹⁶ Parte de duas entrevistas com pessoas antigas da comunidade. Entrevista com Manuel Albino de Carvalho, “Tio Panda”, como é conhecido na comunidade. É o morador mais antigo da localidade e narra fatos sobre a formação da comunidade.

eles compraram terras. Uma comunidade de negros é só aqui em São Miguel. Aqui perto não tem nenhuma outra. É, aqui foi sempre assim. Existia racismo e escola de alemão ali e a escola de italiano era lá em São Miguel enquanto neste setor aqui não tinha ninguém. Escola aqui não existia. Era só para branco que existia. Principalmente se fosse para moreno, eles vinham na dependência, eles iam tentando. E para não ficar tão acumulado eles iam para Porto Alegre. Parte da população daqui está em Porto Alegre. É, era muito apertado. Trabalho não tinha aqui e o mundo ficou muito mudado, muito motorizado. O serviço aqui era na roça. Era plantando feijão, milho, mandioca, batata. Era tudo com pá e enxada. Aqui existia duas casas de comércio. Existia a casa comercial dos irmãos Arnaldo. Depois ele vendeu para o Edmundo Bichoff ele comprou então e pôs ali. E depois ele saiu daqui no meio desta pobreza e até banco ele botou. A diversão era baile, carreira a diversão que existia naquela época. Tinha salão de baile. Tinha um salãozinho ali. Tinha a venda e o salão de baile juntos. Os bailes naquele tempo era de gaita e, violão e depois passou para bandonion e ali foi aumentando. O meu pai era proprietário de terras, compramos terras. O meu pai tinha um gadinho, ele foi capataz muitos anos lá em baixo muitos anos. Aí ele tinha umas quantas cabeças, aí ele vendeu aqui para comprar lá em cima da serra. Mas aí o coitado era doente e a vida era dura lá no campo e aí no meio do inverno ele se achou de fazer a casa e começou a roda de fazer a casa e já tinha começado a vida lá. Aí ele veio buscar e aí ficou entanguido a neve que tinha caído naquele dia aí ele ficou em casa bastante e disse: eu não quero deixar os meus ossos aqui. Eu quero deixar meus ossos lá embaixo. Aí nós viemos embora. Aí voltamos novamente para a querência velha, aí continuamos até agora, graças a Deus. Aqui tudo é parente, o que não é neto é sobrinho. Ali mora uma filha, aqui tem outros que estão morando comigo aqui, tem um filho que mora ali e outro que mora mais um bucadinho ali atrás. Meus filhos são ouro para mim. Eu tenho

afilhados bastante que vão lá naquele colégio lá, são meio desatencioso, muitos gostam de rir, né. Mas que barbaridade eu fui no colégio lá no Capão da Cotia, 6 Km para ir lá e ia de a pé. Saía de madrugada de casa, quebrando geada, eu ia de tamanco. E chegava em casa as 2, 3 horas da tarde. Comia uma merendinha que às vezes a mãe me deixava e eu ia estudar. Mas fiz esforço, mas graças a Deus aprendi. E neste tempo escola aqui não existia, tinha escola aqui dos alemão. Lá em São Miguel era longe aí o falecido pai me dizia: olha meu filho esse retalhozinho que fica do outro lado da estrada se tu tiver oportunidade é para fazer uma escolinha e uma igrejinha. Por que minha mãe era muito religiosa Não fizeram a capelinha, mas a comunidade ali, faz tudo é rezar missa ,é tudo, aí. Então eu tive sorte de o prefeito Miller, e eu me dava muito com ele, queria botar tudo em rédea, tudo, em rédea. Aí ele disse: olha tio Panda, eu quero botar tudo em reta aqui por que está tudo curvado por aqui. Eu disse tá , tá tudo bem, tava eu e um falecido irmão . Aí eu olhei e disse tá , tá tudo bem, tá apoiado. Eu disse está muito bem. Mas, agora é a mina vez o senhor agora vai apertar. Queremos uma escolinha agora Aqui nós não temos escola eu estudei 6 km de distância lá no capão da cotia. Então é possível que não tenha uma escola aqui? Mas a onde vamos colocar esta escola? Mas não tem criança aqui. O senhor não vê criança aqui. Mas o senhor dá uma revisada para ver. Ele disse: se o senhor conseguir, 15 crianças a festa sai. Aí no fim de semana eu saí de casa, eu plantava fumo ali. Aí eu saí e dei uma volta e achei 45 crianças, sem escola, aí eu tirei tudo certinho, até o nome dos pais, idade das crianças, tudo, levei e dei para o meu cunhado entregar. Quando chegou na frente o Geraldo Miller (primeiro prefeito da cidade- 1960/1963), prefeito na época, olhou e disse: 45 crianças? E disse: Isto aí era para um vereador fazer isto. Eu me interessava tinha uma escolinha lá no cerro, aí eu tive numa escolinha lá. A prof. chamava Brasília. Quando saímos de lá aí eu cheguei aqui. Tinha outra professora. Tive também na

escolinha dela , de idade menor. Aí eu fui ficando gente como dizem, fui ficando homem e aí não tinha escola aqui. Ai eu fui estudar lá no Capão da Cotia , que tem lá, 6 km eu fazia todos os dias de a pé. Eu e mais dois primos que já morreram me faziam companhia. Três horas ou duas e meia nós chegava em casa cansados. Comia uma merendinha que a falecida mãe deixava e eu me deitava no colo dela. Eu era o único filho, eu era muito mimoso. A minha cabeça era só para a inteligência.. aqui não tinha colégio não. Lá perto da igreja dos alemão tinha uma escola, mas era só deles. Era , era proibido pessoa morena. Aí entrou um prefeito que disse no Brasil não pode ter escola separada ou igreja. São tudo filho de Deus, e nós estamos no Brasil, nós somos brasileiro. Aí tiraram a escola dali, terminaram com a escola defes. Aí, começamos a lutar por esta escola aqui. Aqui não tinha escola. Aí nó fundamos esta escola. Ali, não tinha nada. Ali morava uma tinha minha, madrinha Constância. Pois é escola se ajeita. Mas onde vamos fazer esta escola? Aí eu me virei e essa terrinha que tem do lado da escola aí? Aí ele disse se tem terreno para construir a escola, a escola tá funcionando. Aí ele disse, vamos fazer o seguinte, tu pega uma folha de papel almaço, uma caneta e aí tu sai pra fazer levantamento da comunidade. Aí, se tiver 15 alunos está feito a escola. Mas, não tem disse ele. Não se vê casa, aonde é que estão esta gente? Achei 45 crianças. Aí eu anotei bem direitinho, botei o nome dos pais, tudo. Ai eu fui para Cachoeira do Sul e falei com o Geraldo Miller, que era irmão dele. Aí o falecido prefeito falou: Mas, 45 crianças tem lá na tua escola na comunidade de São Miguel e não tem escola lá? Aí ele disse: Mas que barbaridade! Esse rapaz aqui fez obrigação de vereador, descobriu isso aí. Aí o prefeito chegou e ele apresentou para ele o papel. Mas, barbaridade, é aluno para três escolas, mas barbaridade! Com 15 alunos já dava para abrir uma escola. Aí, tá, me mandou chamar na prefeitura, me abraçou e felicitou muito, que eu tinha feito uma descoberta que ninguém nunca havia imaginado. Ai eu disse: Tá, tá tudo bem.

Aquela primeira escolinha daqui chamava brizoleta. Aí fui para São Borja, quando cheguei a escolinha tava pronta. A primeira professora foi a D. Caroline, ela está muito velhinha. Aí, tá, cheguei era uma faceirisse, que barbaridade. Mas aí a gurizada , a senhora sabe como é quem não tem educação, assim regime. E a professora passava trabalho e dizia tio Panda vê o que está acontecendo de briga aqui. Aí eu fui lá. Então vocês não estão respeitando a professora que está aqui dando aulas para vocês. E agarrei uma vara de coqueiro e disse: Então vocês não tá respeitando a professora que está aqui dando aula para vocês? O que isso aqui eu vou passar o porrete , vou dar laço em vocês”. Assustei eles, fiz que ia dar laço, alguns largaram chorando. Mas, desde aquele dia, eles respeitaram ela. Aí conseguiu, a escola conseguiu. E nós ajudava muito e quando saía festinha, e saía festinha seguido, porque não tinha nada, faltava isto e aquilo. Me botaram de presidente do círculo de pais e mestres. Fui dez anos presidente. Aí, tá, tudo bem, eu tocava violino, nosso grupo era bom e tirava bastante donativo. Nós tirava 40, 50, mil réis e até 200 cruzeiros. Aí perguntaram quanto é que ia sair a nossa música. Eu dizia não custa nada mesmo. O que nós queremos é levantar isto aí. Ficavam com vontade de chorar de tão faceiros que ficavam. Aí depois entrou o Valdemar Miller, montou outra escolinha. Aí ficou sempre ali. O falecido achava muito importante tudo que nós conseguia de donativo, ficava para a escolinha. Aí teve uma Maria...Maria... que fez uma encrenca com uma filha minha aí eu tive que me meter para (...) na encrenca dela: “Isto aqui até nem tem dono é do Bichoff. Isto é, muito bem se não tivesse dono não tava continuando a escolinha aqui. “Aí tinha uma festinha aqui e ela queria tomar conta da terra. O Bichoff era morto. Aquele que era vereador, ele disse: Querem colocar o nome de Bichoff, mas de quem era isto aqui? Quem é que doou isto aqui? Manuel de Carvalho, o pai do Tio Panda, foi ele que doou. Aí mudaram, tiraram e colocaram o retrato do pai. A senhora não viu o retrato do falecido meu

pai? Aí foi criado, aí ficou o nome . Aí saiu uma festa bem grande e ficou o Colégio Manuel Albino de Carvalho. Hoje é colégio, mas tem uma comunidade que serve pra tudo, ali é velado, é casamento, tudo é ali. Sempre que eu posso eu vou prestigiar ali, e faceiro. Mas agora fiquei fora (cego). Mas estou com meus filhos e minhas filhas foram educadas ali. Passei por muita coisa, mas como deu essa de eu perder a visão tenho que ficar quieto aqui. sossegado, contando as histórias. Quando começou com os Martins, tudo aqui era Martins. Aí o falecido meu avô Geraldo foi criado pelos Martins . Mas os Martins eram muito malvados. Eram tão malvados que o dia que não estavam bom de gênio, eles faziam um pobre negro cativo trepar até lá em cima no pau para atirar, para poder dizer que tinham atirado por que o negro estava trepado lá em cima. O pobre do negro cativo caía lá no chão, pronto. E assim é . O falecido meu avô foi criado com eles aí. Mas ele não era Martins, foi criado. Era filho de um tal Dalmazzo , lá da serra, índio de lá. E eles faziam os amarrados deles e meu avô ficava olhando. Ele disse um dia esses: Esses Martins irão fazer uma coisa assim comigo também. Eram baguales mesmo. Mas o vovô era um homem terrível. Não contava com tigre, touro, boi. Um dia eles tavam lá no mocambo e eles disseram. Que tu tá pensando?... Aí ele disse eu já estou cuidando de vocês a tempo, há querem fazer serviço em mim? gora vocês vão me pagar, correu eles lá na fazenda velha, aí eles dispararam com os cavalos. Os Martins se viram enrascado, entraram debaixo das cama e meu avô entrou atrás. Ele entrou por porta adentro. Aí os amigos que estavam ali disseram: Calma, o senhor tá dando de banditismo, tá agredindo eles dentro de casa . Aí ele deixou, ouviu o amigo. Mas desde aquele dia em diante ele não quis mais saber de Martins. Aí ele teve que sair e ir para baixo. Naqueles tempos, os pobres dos negros eram vendidos. Eles eram vendido por 32 onças, é... por esse preço ele foi vendido. Os Carvalho compraram ele. Queriam matar os Carvalho, mas aí eles sossegaram . Se eles vinham ficavam na

lomba alta do silêncio. Ficaram por aqui. Aí o vovô ficou lá nos Carvalho. O guarda-costas deles era o falecido vovô, aí o falecido vovô era capataz deles. Aí o falecido vovô tinha só dois filhos homens e meninas tinha umas quantas, o falecido meu pai e meu tio. Eles criavam gado lá. As rezes que morriam e deixavam terneiro, os terneiros que eles criassem era deles. Aí eles arrumaram uma maneira e foram criando ... Aí um deles resolveu, se eles vendessem lá os bichinhos que tinham lá. O falecido meu avô comprou esta parte aqui e o falecido meu tio comprou a parte de lá. O meu tio, que tinha mais gado, ele comprou um territóriozinho, então. Então isto aqui não é de cativoiro, foi comprado. Então, foi a partir da família de seu pai que foi formando o grupo. É, o falecido meu pai tinha umas quantas irmãs. Cada um tinha a partezinha deles. Quando o vovô faleceu, tocou 2/4 para cada um. Essa parte que nós temos aqui. Isso aqui foi comprado. Não sei quantas cabeças teve que vender para comprar. Aí ficou habitado desta forma aqui. Aí criou a comunidade e depois veio os outros tudo. Bem, nós aqui vivia bem. Se davam bem por causa do falecido meu pai, que se dava bem com quase todo mundo, era um homem de muita capacidade. Faziam uma dancinha aqui no dia do sábado, tinha uma gaitinha de duas carreira e as alemãezinhas vinham e dançavam com meus irmãos, com os negrinhos. Se davam muito bem. De fato se davam muito bem. E agora, a maioria que está aqui são meus parentes. Bom, queria que a senhora tivesse vindo aqui no dia que eu fiz aniversário. Eu fiquei bobo de ver a netaiada que eu tinha. Mas o engraçado é que eu fiz gasto, esperei eles tudo aí, mas tudo, trouxeram de tudo. Mas tapou, foi aqui porque estava chovendo, foi aqui. Caiu uma misteriosa chuva, e a casa lá para dentro está meio ruim e tem que fazer de material também. E barbaridade! Netinhos deste tamanho, e assim também, bisnetos. De tão faceiro fiquei até triste. Tinha bastante gente, barbaridade. E aqui nesta comunidade era tudo de agricultura. Agricultura, plantavam de tudo. Dos mais antigos sou eu. Já cruzei os 91 anos, graças a Deus

tenho saúde. Só a visão eu problema. Tenho esperança de viver muitos anos ainda. Não sinto nada absolutamente. Sempre estou com Deus e ele está sempre comigo.

A 2. Entrevista com Tia Maria

O que é ser negro para mim? É de grande importância porque não adianta a senhora ser negra e achar que não é. Porque Deus me deu esta cor e eu tenho grande orgulho, eu vou honrar até morrer, porque a minha carne termina, mas a minha alma fica né. É pareio, na minha cor, no meu havere e adoro os meus encontros, adoro minhas palestras, adoro passear, adoro dançar. Adoro fazer o serviço, caprichosa, roupa amassada eu não boto. E para mim é uma grande coisa, para mim é uma honra. Agora quem não quer ser negro a gente fica de lado, a gente não fala nada. Porque a senhora vê, quando a gente bota um sapatinho melhore, um vestido melhor faz uma maquiagem diferente, já tem muitas que não ligam, não lhe dão bola. Eu não estou nem aí. Ser branco para mim é ser racista, porque não é todos também. Mas tem muitos que são. Quando tem um serviço fácil, o que eu faço eles fazem. Mas quando tem um serviço bravo, eles vão atrás do negro. E o negro nunca refuga. Ser negro aqui nesta comunidade não é difícil. Mas agora racismo tem bastante, mas a gente vai em frente, se percura a gente percura, se não percura a gente não percura. Porque eu não tenho inimizade com ninguém porque se é amigo, é amigo. Mas, agora, o que eu me sinto mal é assim, quando eu chego numa turma de branco e não me dá importância, eu me sinto mal. Porque nós todos somos brasileiros. Porque o sangue é vermelho todos, o do negro também. Quando a gente morre, claro tem um belo tempo, mas depois fica tudo igual. A senhora não acha? E demais a gente vai em frente como agora. Sábado a gente tem uma festa, depois um baile em Restinga que vai para Cruz Alta a mais bela negra. E ela tem que botar sapatinho de salto, se

maquiar e o desfile dela na passarela é de maiô e depois tem que botar a roupa da África. A senhora escuta que vai dar no rádio. E a menina é aqui da comunidade? É....nós tivemos uma reunião no sábado. E do nosso grupo daqui pode ir, é de 12 a 15 anos. Então vai duas da nossa comunidade e uma da dança África e uma da capoeira. Vai também uma da escola. Não pode ser do município de fora. E essa roupa da África vem de longe, o nosso grupo já tem a roupa da África, todo mundo sabe. E esse baile que vai sair é para comprar roupa para a bela negra. E todas as quatro que vai daqui vão usar roupa igual. Porque nós temos certeza que elas não vai perder. É tudo filmado e nós temos certeza que ela não vais perder. Para nós é a primeira vez que fazemos concurso de beleza negra, e começando a primeira vez é todos os anos, tem que começar, né. Porque a senhora veja bem. Se é a senhora que vai concorrer, se é a senhora que vai desfilar. A senhora viu todo mundo olhar e a senhora subir aquele degrau, credo. É bom. Sabe, eu queria ser mais nova. Sabe, eu fiquei emocionada assim, que quando foi o dia que a minha presidente da terceira idade chegou e disse assim: Ora, tia, a senhora vai ter que debutar. A senhora vai ter que ser uma princesa. Então eu disse: quem eu? a senhora já debutou o ano passado, então a senhora vai ter que fazer tudo de novo. Pode dar o acaso que a senhora que vai passar. Eu á fiquei emocionada, porque ela foi dizendo: A senhora já fez o ano passado. Eu fui ficando tão emocionada que eu comecei a tomar chá de melissa, por que o meu coração batia. Frios, chuva por todo o lado. Era chuva que Deus mandava. Foi o tempo da gente chegar lá. Quando chegou a hora, veio a chefe de lá e perguntou para a tia Zilá que era a nossa presidente da terceira idade: Qual é a candidata que a senhora trouxe para debutar a rainha? Ela disse: Então elas vão passar para lá e vão se vestir. Eu tremia, eu queria parar para arrumar a blusa, eu não podia, eu tinha que colocar o sapato e não consegui. De tanto que eu fiquei emocionado e tremia. E elas também olhando para mim. Então elas perguntaram: A

senhora já desfilou alguma vez? Então eu disse: esta é a primeira vez que eu desfilo. Nós já desfilamos. Aí eu disse então eu vou cuidar para ver como é que vocês desfilam, para mim desfilar também. E nós preocupadas porque estávamos encerradas lá em uma sala, em um lugar que ninguém nos via. Aí depois ela perguntou assim para mim? E a outra de reservava que era aquela ali. Aí eu pensei, quando chegou a hora a minha vista emocionada, louca para deixar correr as lágrimas. Aí aquela que me vestiu, disse: A senhora não vai deixar correr lágrima para não deixar correr a maquiagem que vai ficar feio. Quando eu sai de lá todo mundo assim, batendo palma. Eu disse: E agora, meu Senhor! Agora que vai ficar feio. E fui indo, e fui indo. E aqui só quando mudava o passo é que nós tinha que fazer o grau. Foi aí que eu estava com medo quando chegou na frente que nós tinha que fazer o grau, ali que eu tava com medo. E elas me espiando pela fresta da porta. Por que tem que fazer o jurado. A primeira não fez o jurado, porque tem que fazer o jurado quando chega aí. E quando acaba o desfile uma por uma, tem que chegar lá e fazer o jurado de novo. Quando tocou a minha vez, o meu grupo, aí que eu fiquei mais emocionada, eu não podia mais abaixar o meu braço. Eram dez grupo de tudo que era estado, eu não podia mais abaixar o meu braço, os meus braços já estavam assim. Eu fui abraçada por todo mundo. Primeiro foi o Gaudêncio, que é o prefeito daqui. Depois elas pegaram nós e fomo tirar foto. Depois, elas pagaram nós e fomo para o tal de quarto de novo. Depois eles pegaram nós e se encerraram noutra sala. E o baile formado. E eu louca para dançar e não podia, porque a gente não podia sair da sala. E tiveram.. e tiveram. Depois aí dizem , todas as rainhas e as princesas vão fazer um desfile, e saiu a rainha na frente... elas iam uma distância de mim, assim cada uma (gesto mostrando a distância de mais ou menos um metro) . Porque não era de caminhar ligeiro. Quando eu cheguei lá e fiz a curva porque não era de caminhar ligeiro...Quando me taparam de palma, ele disse: Podemos encerrar a nossa

princesa. Eu fui até este quarto. Eu fiquei emocionada...emocionada. Eu loca para fumar um cigarro para os nervos. Mas a bolsa estava com a minha nora, né. Ela me cuidava por baixo, mas eu não tenho culpa, mas a que faz um trabalho melhor é a vencedora. E até agora, quando eu entro na Restiga dizem: Aí vem a nossa princesa...Já faz quantos meses, mas eu tô feliz... Agora só vou entregar o ano que vem. E...ainda posso ganhar ainda, porque agora eu passei a princesa do município. Posso ser rainha...bom mas aí é mais quinhentos... Quando eu era jovem, nem no colégio e não fui... mas pintada eu andava sempre, por que o meu falecido adorava...Até agora é pé, é mão, é boca, é tudo. E assim a gente vai indo. A gente não pode se atirar tem que ir em frente. Nesses encontros falavam da beleza dos negros... Aí a gente falava...fazia grupinho. Depois chamava grupinho, por grupinho... para esclarecer. Eu disse até que eu possa caminhar eu não perco. Por que agora eu acho que nós vamos até em Porto Alegre. Buscar mais coisas que nós não temos aqui e levar daqui para lá, por que a gente tem... A gente quer buscar por que lá a gente está mais a par. Por que aquele cartaz, que eu lhe mostrei. Foi cinco km longe de Porto Alegre (Cartaz com Zumbi) ficamos quatro dias lá, acampada. E depois que veio quatro meses, cinco meses que o cartaz veio bater nas nossas mãos. Minha e do falecido. Por que a chefe de lá e o chefe disseram: vai uma lembrança para o seu Manoel cavalheiro. Mas custou. Quando foi um belo dia, eu não estava... estava trabalhando...Ele disse assim para mim. Tu sabe que veio um cartaz para ti, por que ele não abriu. Nós fizemos uma festa só de negro quando recebemos um o cartaz. Só do negro, mas só do negro... E os brancos de fora só olhando... Por que a gente agarrou e colocou ele assim (cartaz) por que tinha uma sombra linda. E tudo que estava chegando assim olhava o cartaz. E tu vê, faz quantos anos? Só que eu fiquei viúva faz doze anos. Eu levei no colégio também. E agora quando eu morrer, não sei, mas sempre vai ter um filho que vai zelar...Aquele é do Zumbi mesmo, do Zumbi mesmo.

O encontro foi muito mais tempo. É foi lá do tempo da escravidão que queriam fazer o negro de escravo... E nós não podemos deixar, por que o tempo do escravo já passou. Aqui eles querem fazer a gente de escravo. Por que o tempo de escravo já passou. Por que em quase todo Brasil tem...O estado todo tem. Como um baile que nós fizemos do negro aqui, veio uma senhora velhinha, Mas...precisava ver. Ela foi viajar foi passear neste lugar...Aquele mesma é a negra escrita... E ela é branca que nem, assim. E os cabelos dela branquinhos que nem algodão... Ela é da universidade... Eu não sei o que ela é na universidade. Não sei se ela é médica...Não sei o que ela é. Foi para diante de Porto Alegre, Porto Alegre e nem sei para que rumo, mais bota festa eu precisa ver a gente só levava a roupa, aonde a gente se hospedava lá, era a comida, era forro de cama, era um banheiro para tudo e não pagamos nada, até as passagens dos ônibus assim, porque a gente é assim quando a gente vale é convidado para ir de uma festa longe ou encontro do negro, é livre ler tudo, só a roupa passada, com roupa, sabonete, pasta de dente, essas coisas a gente tem que levar, eles então fazem assim, quando eles fazem essas festas bem grandeza, o dinheiro vai tudo para a caixa, quando a gente tem um projeto de uma viagem, então a chefe vem com o dinheiro para pagar tudo. que a senhora foi a senhora conversas com pessoas de outras comunidades? A gente leva e vai buscar. Agora o meu sentimento é não saber ler nem escrever, porque a gente quando era no tempo dos antigos, aula tinha de encaminhar um dia para ir ou parada não tinha. Não, não era daqui, então a gente não ia na aula, e meus pais também eram colonos, naquela época não existia essas coisas que tem agora, mais eu disse, sempre estou falando para qualquer pessoa que conversa comigo, o meu sentimento não saber ler nem escrever.

Eu entrei naquela turma de adultos mas depois parou um tempo de Ter aulas. Nós não terminamos com ela e então era para terminar agora, mas não afrouxaram mais

deixa para nós, e eu com outra não quero ir a, por que não terminamos com ela e aí o tem que voltar tudo de novo, aí não dá como ela disse que se nós tivéssemos terminado com ela poderia entrar com outra professora, mas aí para entrar tem que voltar tudo para traz de novo, a senhora entende. E nesses grupinhos assim o que vocês falam? É negócio assim, de família, como é que é gente se sente, como a gente é tratada, e essas coisas todas. Eu me sinto bem, a urna coisa que me estrova, é que faz anos que eu soffro da coluna, e para a coluna não posso ficar nunca sem remédio, e depois um tempo eu soffria da dor nas pernas tinha água como a gente diz, minúsculo no joelho, foi engessada um mês e 15 dias, com as pernas em engessadas pela mão dos outros, mas pela mão dos meus filhos, então eu tenho assim muitas dificuldade para caminhar longe a pé, mas quando eu estou sã eu vou. Alemão aqui eu conheço pouco, é uns, como é que se diz tem a igreja deles e o que é católico vai na nossa e assim eles vão, mas é como eu lhe expliquei que eu não tem inimizade com ninguém, para a minha branco, preto é tudo, agora pelo cativa negro é o vou lutar até morrer, porque o negro foi muito castigado e eles estavam lutando, para ver se venciam, mas não vão vencer, não venceram até agora não vi vencer, podem vencer para outro estado que a gente não vai. Sim porque a senhora vê uma coisa, que tem muito, tem muitos que usam o negro. A senhora pode notar, tem algum familiar seu também que trabalhe na roça? o serviço ruim e eles nunca fazem, é o negro. E pagam pouco, isso aí é um pecado como a gente vê passar na televisão, dar no rádio, que o dinheiro que os trabalhadores tinham que receber, os aposentados tinham que receber, ganhavam só a metade, ele nunca pagavam o que era o valor, isso é aí também já é um castigo, por que a senhora trabalha, e tem de ganhar o seu valor, agora se a parceira também trabalhar para eles e não ganhar o seu valor, a senhora até perde esperança trabalhar, por que dar o suor e dar força para eles e no fim do trabalho ou do ano, seja o que for, eles tem e a senhora não tem nada, sai com

uma na frente e outra atrás. É muito bom participar do movimento negro, mas muito bom. Eu acho assim porque a senhora vê que a gente fazendo essas caminhadas, a gente se conhece melhor, estão reunidas, a senhora entende porque não adianta eu moro aqui em Rodal, me dou com deus e todo mundo, não adianta se eu faço uma festa e eu fizer um convite e não vier ninguém, porque a gente não se conhece não são unidos, a senhora entende, e a gente se conhecendo e sendo unido, é uma maravilha. A senhora vê que se não são reunidos, a senhora pode ver, a senhora quer ver um dia que tem missa, dá para contar o branco que vem, é só negro, principalmente aqui na nossa comunidade. Sim, eu trabalhei numa casa, e eu entrei para essa casa guriuzinha tinha um ano e o deixei ela com doze, e saí dessa casa por causa que o casal se apartou, mais saí sentida a, mas eles me pagaram tudo direitinho, até hoje se eu saio daqui, e eles nunca me largam com a mão abanando. Noutra eu trabalhei dez anos, nove anos eu trabalhei, essa não tinha filhos, mas pegou uma adotada, depois disso eu deixei a guria com nove anos, logo depois eu fui para a colônia e trabalhei quinze anos. eu trabalhei... tinha um casalzinho, mas a mulher era tão desgraçada, que ela tinha os sacos de frutas podres e não dava e se eu pegava uma bergamota ela falava. Eu fazia o almoço era todo por medida, 200 gramas de carne, tinha que dar para dois dias de comida, então eles comiam encerrados, e juntavam o que sobrava para mim comer, mas eu não fiquei, eu não fiquei. O meu café eu levava de casa a minha comida eu levava de casa por que eu passava fome, eu passava fome. Aí, faz bastante tempo. Aí eu fui e liguei para este meu patrão que estava em Brasília, este que eu estou lhe falando que fica dois três anos e depois vem embora. Ele que me colocou para eu não ficar sem trabalho e para ele não me perder. A senhora sabe que eu tomava banho de manhã e de tarde para eu ir para casa eu tinha que vestir a roupa sem tomar banho e no banheiro ela tinha um matagal lá no pátio e eu tinha que ir naquele matagal por que dentro do

banheiro ela não deixava eu entrar. Eu perguntei para ela o que tinha a diferença do negro com o branco. Aí ela foi e disse que não gostava de negro. Eu disse então a senhora é uma baita de uma racista. Como é que a senhora vai viver? Quanto a senhora tiver filhos quem é que vai cuidar. A senhora acha que branco igual a senhora vai querer cuidar. Ela disse que era ela que sabia. Por que a gente sabendo que o branco não gosta de negro a gente não deve nem passar na terra dele. Como aqui tem um. Ele não deixa atravessar na terra dele. Não sei por que. Mas agente se dá, como eu estou conversando com vocês. Só não pisando na terra dele é a conta. Sabe para lhe falar bem a verdade agora é que o povo está conhecendo o negro. Agora é que eles estão começando a conhecer por que está vindo. E a gente quando sai, a gente leva o que agente sabe daqui e busca do que a gente não sabe e busca dos outros para cá. Para mim a grande vantagem dos encontros é que a gente troca. Aqui em São Miguel eu trato todo mundo bem, tudo é um prato só.

Figuras



Alunos da 3ª série do ensino fundamental

Sônia Marques-2000



2. Habitações/ São Miguel-

Foto: Sonia Marques-2000



Habitações de São Miguel

Foto: Sônia Marques- 2000

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil*. Brasília: edição do autor, 1999.
- AUGÉ, Mar. *El Sentido de los Otros: Actualidade de la antropología*. Barcelona: Paidós, 1994.
- AZEVEDO, Ramiro C. *Uma experiência em comunidades negras rurais*. São Luís: Gráfica São Luís, 1982.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território Negro em espaço Branco- estudo antropológico em Vila Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CHAGAS, Conceição Correa das. *Negro uma identidade em construção: dificuldades e possibilidades*. Petrópoles: Vozes, 1996.
- CONSORTE, Josildeth G. *A Questão do negro: velhos e novos desafios*. In São Paulo em perspectiva, vol 5, Nº 1, SEADE, Jan/Mar, 1991.
- Congresso Afro-brasileiro. Anais do IV CONGRESSO - Recife: FJ, Ed. Massangana, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico, que todo mundo pode saber; inclusive você: explicitação das Normas da ABNT- 5 e- Porto Alegre: s.n. 1997.*

- GRILLO, Marlene Carrero. *Texto trabalhado em sala de aula*. Porto Alegre, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Rio de Janeiro: Dp&A, 2000.
- LIMA, Ivan Costa (org.) *As idéias racistas, os negros e a educação*. Florianópolis: Alternativa, 1997.
- MORAES, Vera Regina Pires. *Melhoria do ensino e capacitação docente*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- MOTTA, valter T. *Normas técnicas para a apresentação de trabalhos científicos* Porto Alegre: Editora Médica Missau, 1999.
- NÓVOA, Antonio (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- _____. *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1992.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org). *Terra de Quilombos*. ABA- Decânia CFCH/UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
- OLABUENAGA, José Ignáci O. Ruiz. *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1996.
- OLIVEIRA, Lacy Cabral. *Evolução histórica, política e administrativa do município de Restinga Seca*. Restinga Seca: edição do autor, 1983.
- PORLÁN, R. *Enseñanza de las ciencias*. 15 (2), 1997
- _____. *Investigación en la escuela*, 22, 1994.
- REALIZAÇÕES E PERSPECTIVAS. *Grupo de trabalho interministerial para valorização da população negra- Programa Nacional dos Direitos Humanos-PNDH*, 1997.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. Porto Alegre: 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TEXTOS E DEBATES- *Núcleo de Estudos e sobre identidade e relações interétnicas- ano 1- N° 2- 1991- Universidade Federal de Santa Catarina*.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa e ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

BOLETIM INFORMATIVO- NUER. *Regulamentação de terras de negros no Brasil- publicação do núcleo de estudos sobre identidade e relações interétnicas*. UFSC- Florianópolis. V.1, nº 1, 1997.

ZEICHNER, Kenneth. *A formação reflexiva do professor*. Lisboa: Educa, 1993.